

# NOTA Técnica

## O PERFIL DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE MERCADORIAS DO DISTRITO FEDERAL ENTRE 2008-2018

Brasília-DF, outubro de 2019

**codeplan**  
COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de  
Economia do  
Distrito Federal

  
Governo do Distrito Federal

**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL**

**Ibaneis Rocha**  
Governador

**Paco Britto**  
Vice-Governador

**SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA DO DISTRITO FEDERAL**

**André Clemente Lara de Oliveira**  
Secretário

**COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL - CODEPLAN**

**Jeansley Lima**  
Presidente

**Juliana Dias Guerra Nelson Ferreira Cruz**  
Diretora Administrativa e Financeira

**Daienne Amaral Machado**  
Diretora de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas  
(Respondendo)

**Daienne Amaral Machado**  
Diretora de Estudos e Políticas Sociais

**Daienne Amaral Machado**  
Diretora de Estudos Urbanos e Ambientais  
(Respondendo)

## **ELABORAÇÃO**

- **Clarissa Jahns Schlabitz** - Gerente de Contas e Estudos Setoriais –  
GECON/DIEPS/Codeplan

---

### **Revisão e copidesque**

Nilva Rios e Pammelleye Machado (estagiária)

### **Editoração Eletrônica**

Maurício Suda

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. AS UFs E A ABERTURA COMERCIAL .....	6
3. AS EXPORTAÇÕES E AS IMPORTAÇÕES DO DF E DOS ESTADOS BRASILEIROS.....	9
4. O DF E A RIDE-DF .....	16
4.1 Exportações da RIDE-DF .....	18
4.2 Importações da RIDE-DF .....	24
5. O COMÉRCIO EXTERIOR DO DISTRITO FEDERAL .....	31
5.1 Exportações do DF .....	31
5.2 Importações do DF.....	36
6. COMENTÁRIOS FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
APÊNDICE .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

O comércio internacional é um dos componentes do Produto Interno Bruto (PIB) de uma economia, compondo-o positivamente por meio das vendas a outras regiões (exportações) ou com sinal negativo por meio de compras de outras regiões (importações). Diversas teorias econômicas apresentam vantagens e desvantagens de uma maior participação do comércio internacional em uma economia, advogando contra ou a favor de uma maior abertura comercial.

Em geral, na literatura internacional, encontra-se alguma evidência de que existe uma relação positiva entre crescimento econômico e exportações, contudo, não é clara sua relação de causalidade. No que se refere ao Brasil, e de acordo com Koshiyama (2008), os estudos mostram uma relação positiva entre comércio externo e crescimento econômico. Resultados parecidos são encontrados nas análises estaduais de Barbosa e Alvin (2007) e Koshiyama (2008). Já Carmo, Raiher e Stege (2017) mostram que as exportações aumentaram o crescimento econômico de microrregiões brasileiras entre 2000 e 2010.

De maneira geral, os estudos comprovam a relevância do comércio internacional em uma economia. Com isso, o objetivo desta Nota Técnica é traçar o perfil e o comportamento das exportações e importações de mercadorias do Distrito Federal (DF) ao longo tempo e, em termos comparativos, com as Unidades da Federação (UFs) e com os municípios da Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal (RIDE-DF), oferecendo um breve diagnóstico do comércio exterior de mercadorias do Distrito Federal.

Após essa Introdução, a próxima seção apresenta uma breve comparação da abertura comercial nas Unidades da Federação. Em seguida, faz-se uma análise mais detalhada sobre as exportações e importações no DF e nos estados brasileiros, na terceira seção. O comércio exterior dos municípios da RIDE-DF é detalhado na quarta, enquanto o perfil das importações e exportações do Distrito Federal é apresentado na quinta seção. Após as seções, são apresentados os comentários finais, resumindo as principais conclusões.

## 2. AS UFs E A ABERTURA COMERCIAL

Uma medida comumente utilizada para avaliar o tamanho do comércio exterior é a abertura comercial de uma economia. Almeida, Lopes e Sedyama (2017) encontram uma relação positiva entre a abertura comercial dos estados do Brasil e seus respectivos desempenhos econômicos (crescimento do PIB) de 2000 a 2010. A abertura comercial é definida como sendo a soma das importações (M) e exportações (X) de uma região dividida pelo seu PIB (Y).<sup>1</sup> Para as Unidades Federativas (UFs) há ausência de informações acerca do comércio internacional de serviços, de maneira que a medida será calculada para as UFs com base apenas nas transações de mercadorias.

Dessa forma, a abertura comercial do Distrito Federal é a terceira menor entre as UFs, de 0,9%, na média de 2008 a 2018. Esse número é bem menor do que o brasileiro, de 8,7%,<sup>2</sup> e é abaixo da mediana do grau de abertura das UFs, de 7,4%. O Gráfico 1 mostra a relação entre a abertura comercial média das UFs e seu PIB per capita. O objetivo é observar como se comporta a abertura comercial de UFs com nível de renda parecido.

O Distrito Federal é um *outlier*<sup>3</sup> no quesito PIB per capita, ao possuir não apenas o maior valor (R\$ 79.099,70) entre as UFs brasileiras mas, também, mais do que o dobro da renda per capita nacional (R\$ 30.548,40).<sup>4</sup> Assim, a partir do Gráfico 1, o que se percebe é que o DF tem uma das menores medidas de abertura comercial, similar ao grau de abertura encontrado em UFs que possuem renda per capita menor do que um terço da renda do Distrito Federal, como Sergipe ou Piauí. Uma das implicações dessa observação é que, dado o elevado PIB per capita do Distrito Federal, há espaço para um aumento da abertura comercial de mercadorias, especialmente do lado do consumo, isto é, importações. Porém, o PIB per capita não possui uma correlação muito elevada com o grau de abertura comercial, sendo por volta de 0,5 quando se exclui o Distrito Federal.<sup>5</sup> Nesse sentido, o PIB per capita não é o único fator de influência no tamanho do comércio exterior de uma região.

---

<sup>1</sup> A medida de abertura de comercial, em geral, utiliza as informações do PIB para encontrar as exportações e as importações de bens e serviços de um território. Contudo, para o nível estadual, o PIB pela ótica da despesa não é calculado, de maneira que a informação sobre exportações e importações é relativa ao total transacionado de mercadorias (bens) em valor FOB (*Free on Board*), isto é, sem considerar custos de transporte e seguro internacional, além de tributos.

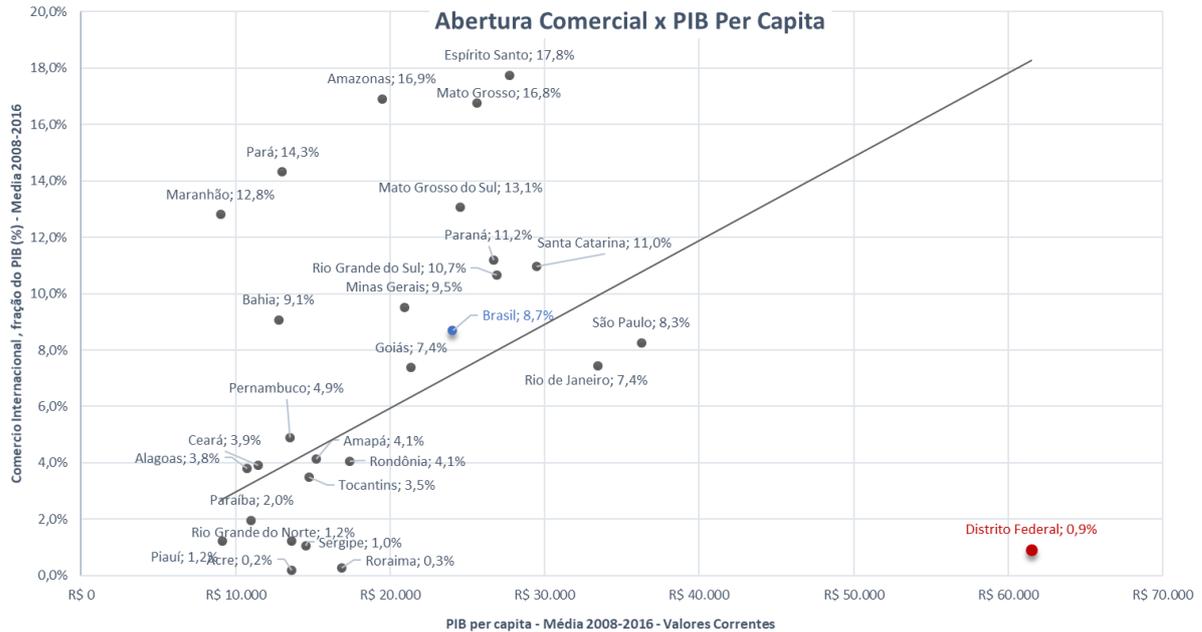
<sup>2</sup> Esse número diz respeito somente ao comércio de bens (balança comercial), de forma que a balança de serviços não é computada, o que reduz o grau de abertura comercial.

<sup>3</sup> Em estatística, *outlier*, valor aberrante ou valor atípico, é uma observação que apresenta um grande afastamento das demais da série (que está "fora" dela), ou que é inconsistente.

<sup>4</sup> Última informação disponível refere-se ao PIB de 2016.

<sup>5</sup> Como o Distrito Federal aparece como um *outlier*, optou-se por retirá-lo do cálculo de correlação, visto que são poucas as observações e sua inclusão modifica bastante o resultado de correlação.

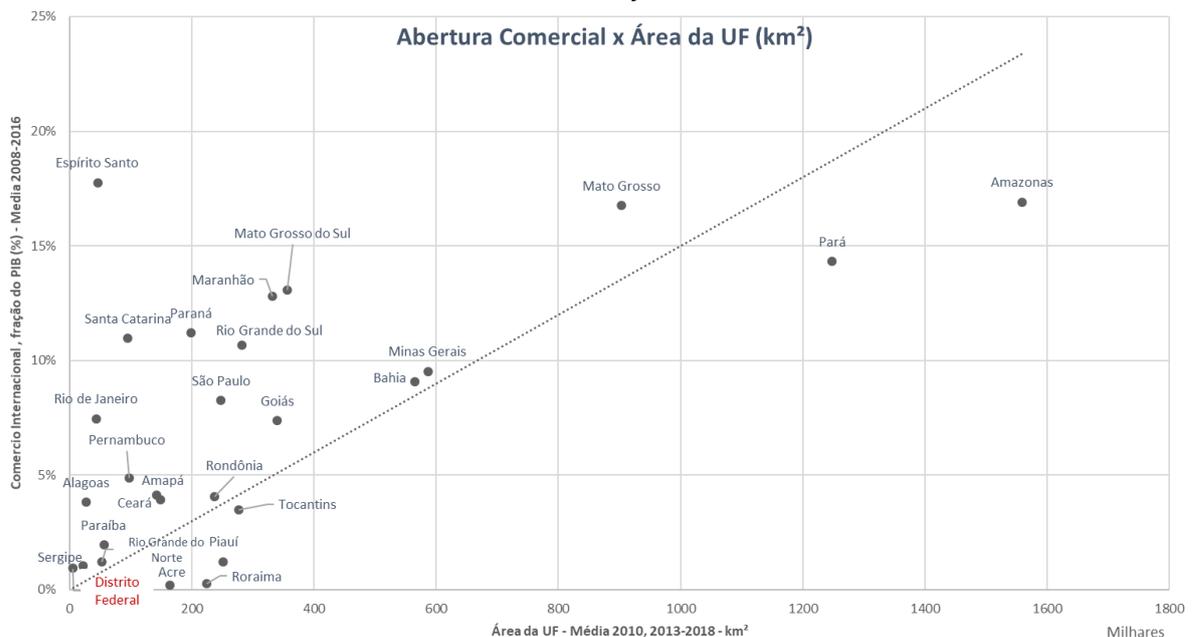
**Gráfico 1 - Abertura Comercial (%) e PIB per capita (R\$ correntes) - média 2008 a 2016 - Unidades da Federação e Brasil**



Fonte: IBGE e Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Pode-se, por exemplo, olhar para o tamanho do território como sendo um dos fatores de influência da abertura comercial. Esse tende a ser um fator importante para países como o Brasil devido a sua pauta exportadora embasada em produtos primários, isto é, mais dependentes de recursos naturais, como terras, minérios etc. O Gráfico 2 apresenta a relação entre a abertura comercial e a área média das UFs em quilômetros quadrados. Note-se que, neste caso, o DF não aparece como um *outlier* e mostra-se relativamente em consonância com o resultado das demais UFs: quanto maior a UF, maior sua abertura comercial. A correlação entre essas duas variáveis é um pouco maior: 0,6.

**Gráfico 2 - Abertura Comercial (%) - média 2008 a 2016 - e Área territorial (Milhares Km<sup>2</sup>) - média 2010, 2013 a 2016 - Unidades da Federação**



Fonte: IBGE e Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Esses dois gráficos mostram, portanto, algumas informações importantes para começar a análise do comércio exterior de mercadorias do Distrito Federal. O grau de abertura comercial do Distrito Federal é bem pequeno, muito abaixo da média brasileira. Esse grau de abertura, apesar de coerente com o tamanho do seu território (e com sua estrutura econômica baseada na atividade de serviços), quando avaliado em conjunto com a renda per capita, possui margem para incrementos (o que, de acordo com a literatura, pode impactar o desempenho econômico do DF). Com isso, entender melhor o perfil do comércio exterior de mercadorias do Distrito Federal pode auxiliar na compreensão de seu baixo grau de abertura e no resultado de sua balança comercial.

A seguir, analisar-se-á o comportamento das exportações e das importações do DF e das UFs ao longo do tempo. Para isso, foram utilizadas informações retiradas do banco de dados Comex Stat.<sup>6</sup> Os dados classificam as transações de duas formas: “UF do produto” e “município de exportação/importação”. A primeira categoria (“UF do produto”) considera, para registro das exportações/importações, a Unidade Federativa produtora da mercadoria e não a sede da empresa exportadora/importadora. A segunda (“município de exportação/importação”) considera o domicílio fiscal (a sede) da empresa exportadora/importadora.

Apesar de o Distrito Federal ser considerado, ao mesmo tempo, Unidade Federativa e Município, as informações das duas categorias não são equivalentes.<sup>7</sup> Quando a análise for feita somente para o DF e comparando o DF a outras UFs, a classificação de “UF do produto” será utilizada, pois entende-se que essa informação oferece um diagnóstico mais preciso da produção local de exportações. Contudo, na análise comparativa com os municípios da RIDE, a classificação utilizada será a do “município de exportação/importação”, uma vez que é a única informação disponível.

---

<sup>6</sup> Fonte: Comex Stat: <http://comexstat.mdic.gov.br>

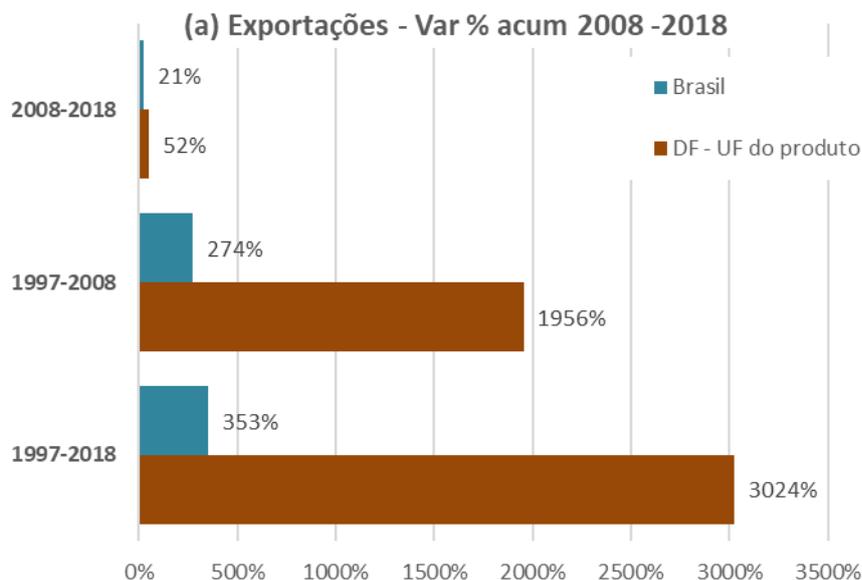
<sup>7</sup> A diferença nas categorias pode ser observada no Anexo I. Entre as exportações, a diferença chega a atingir, em 2018, US\$ 132,4 milhões a maior para as exportações “UF do produto” (52% do total). Isso implica que o DF produz mais bens que são direcionados a exportações do que o que é exportado pelas empresas com domicílio fiscal em seu território. No caso das importações, a diferença em 2018 foi de US\$ 2,2 milhões (menos 0,3% do total importado), fato que se repete ao longo do tempo.

### 3. AS EXPORTAÇÕES E AS IMPORTAÇÕES DO DF E DOS ESTADOS BRASILEIROS

As exportações do Distrito Federal mostraram um crescimento bem acima da variação do país, conforme se vê no Gráfico 3. É possível perceber que o DF registrou uma expressiva expansão de suas exportações, principalmente no que refere aos produtos produzidos no DF e exportados. Parte desse crescimento diz respeito a uma base muito pequena no início de 1997. Assim, para se ter uma ideia da evolução das exportações em um quadro mais atual, o período de tempo desta Nota Técnica será de 2008 a 2018.

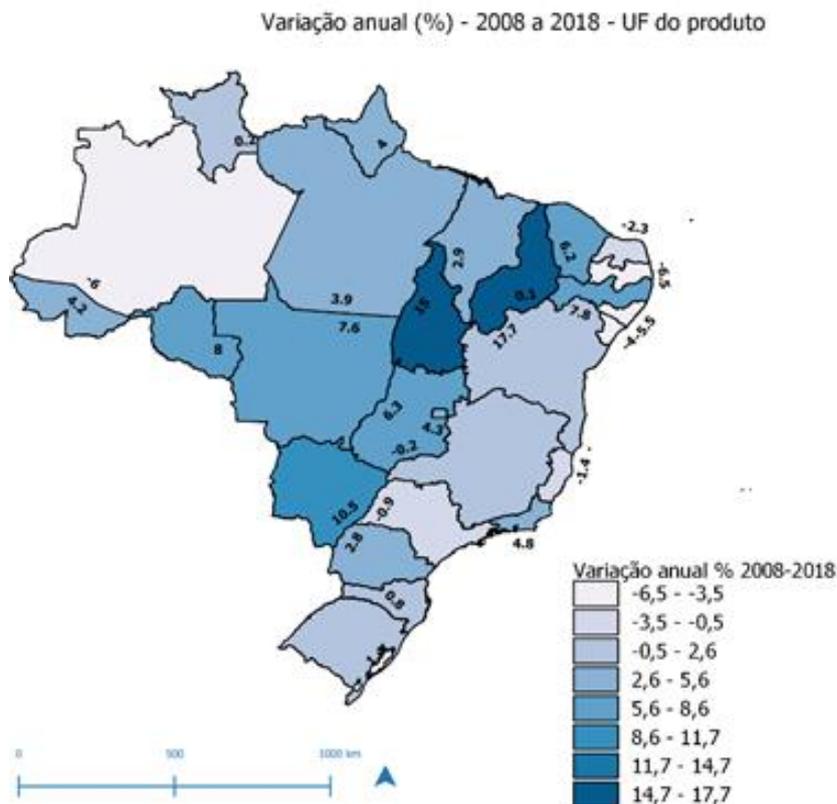
Entre 2008 e 2018, o crescimento das exportações do DF foi de 52% (4,3% ao ano) enquanto as exportações do Brasil cresceram 21,3% (1,9% ao ano). Apesar dessa diferença, é importante destacar que esse movimento ocorreu paralelamente ao crescimento das exportações nas outras Unidades da Federação. Isso fez com que, desde 2008, a melhor colocação do Distrito Federal entre as UFs tenha sido o 21º lugar (2013 e 2014). Já em 2018, o DF ocupou o 23º lugar no ranking. Ainda assim o DF desponta entre os que mais expandiram suas exportações tendo a décima maior expansão entre 2008 e 2018, de 4,3% a.a. (Figura 1).

**Gráfico 3** - Variação % acumulada das exportações - Brasil e DF - 1997 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

**Figura 1** - Variação média anual (%) das exportações - UFs - 2008 a 2018

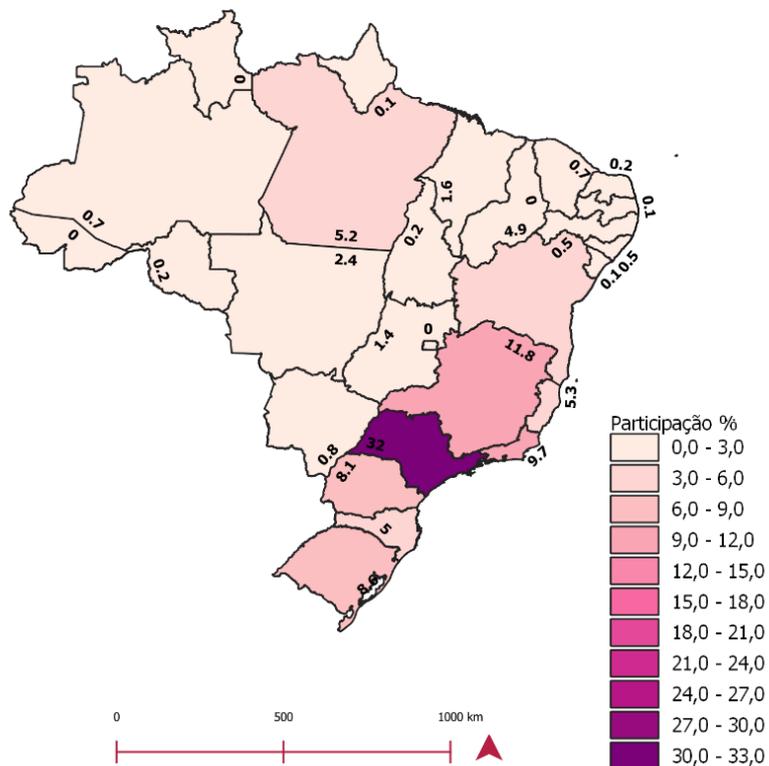


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

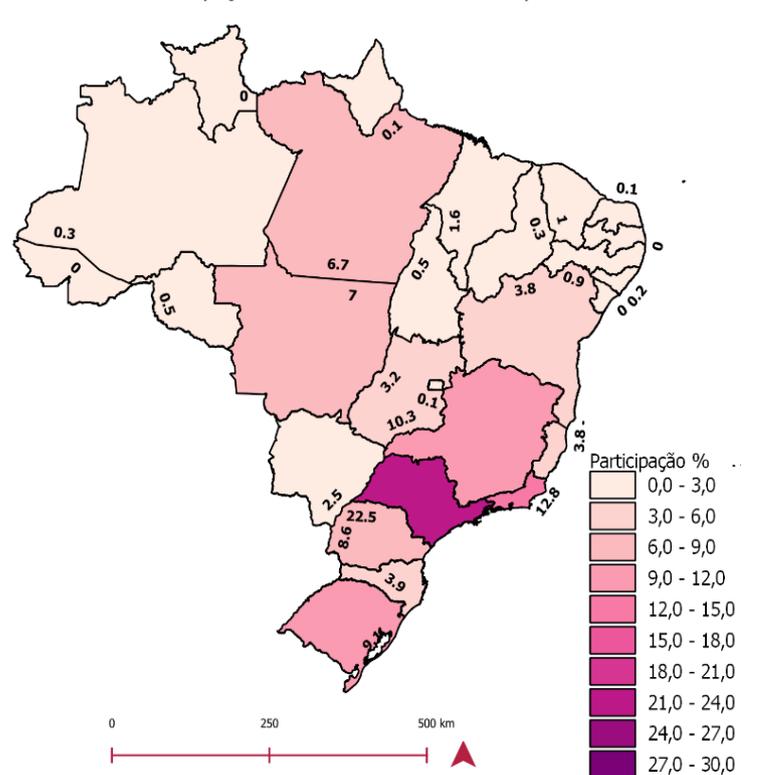
Na Figura 1 também é possível observar que as Unidades da Federação que apresentaram maior variação foram as das Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Porém, a expansão verificada nessas UFs não foi suficiente para mudar o quadro de concentração das exportações no Sul e Sudeste do país. A Figura 2 mostra a participação das exportações em 2008 (a) e 2018 (b), em que se observa o aumento da participação de UFs das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (em concordância com a expansão agrícola registrada nessas Regiões) e a concentração no Sudeste e Sul do país.

**Figura 2 - Exportações por UF do produto - Participação (%) (Valor FOB US\$) - UFs - 2008 (a) e (b) 2018**

(a) Participação % - 2008 - UF do Município de Exportação



(b) Participação % das Xs - 2018 - UF do produto

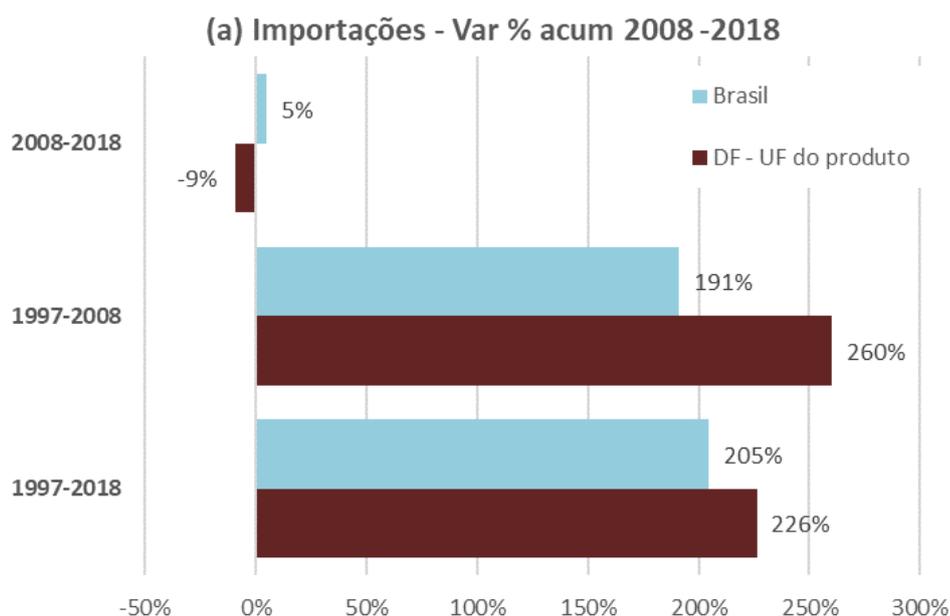


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Particularmente, a expansão do Distrito Federal não foi bastante para galgar posições de destaque na comparação entre Unidades da Federação. Assim, o Distrito faz parte das oito UFs com menor valor de exportação em 2018.<sup>8</sup> Juntas, essas Unidades somaram, em 2018, apenas 0,65% do total de exportações realizadas pelo Brasil. Ressalta-se, contudo, que o DF saiu de uma participação de 0,08% em 2008 para 0,10% em 2018, resultado do seu crescimento mais acentuado em relação às demais UFs do país.

As importações do Distrito Federal também mostraram um crescimento acima da variação do país na comparação 1997 a 2018 (Gráfico 4). Porém, quando se compara 2008 e 2018, há uma redução de 9% nas importações do DF, enquanto no Brasil registra-se alta de 5%. Isso implica que o crescimento verificado das importações no DF, e que se sustentou ao longo do tempo, ocorreu praticamente todo entre 1997 e 2008. E que, nos últimos 10 anos, houve pequena redução das importações do DF em contraposição ao comportamento das exportações. No Brasil, a variação positiva de 5% também implica em arrefecimento das importações, principalmente quando se compara aos 10 anos anteriores.

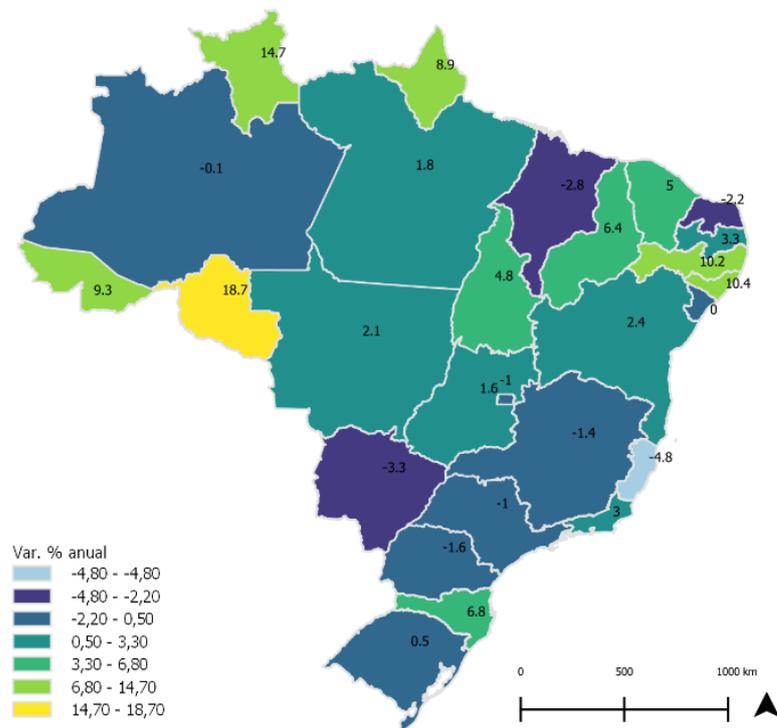
**Gráfico 4** - Variação % acumulada das importações - Brasil e DF - 1997 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Ao longo do tempo, a posição do Distrito Federal no ranking de importações das UFs não varia muito, figurando entre 15<sup>a</sup> (2016) e 17<sup>a</sup> (2018) posições. A estabilidade da posição do DF no ranking aponta que a redução verificada entre 2008 e 2018 não ocorreu somente no Distrito Federal. Isso pode ser visto na Figura 3, que apresenta as variações anuais entre 2008 e 2018 de todas as UFs. Percebe-se que oito das 27 UFs registraram redução de importações e, mesmo as que registraram variações positivas, somente quatro expandiram suas importações em mais de 10% a.a.

<sup>8</sup> São elas: Alagoas, Distrito Federal, Amapá, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Acre e Roraima.

**Figura 3 - Variação média anual (%) das importações - UFs - 2008 a 2018****Var. % anual das Importações - 2008 a 2018 - UF do Produto**

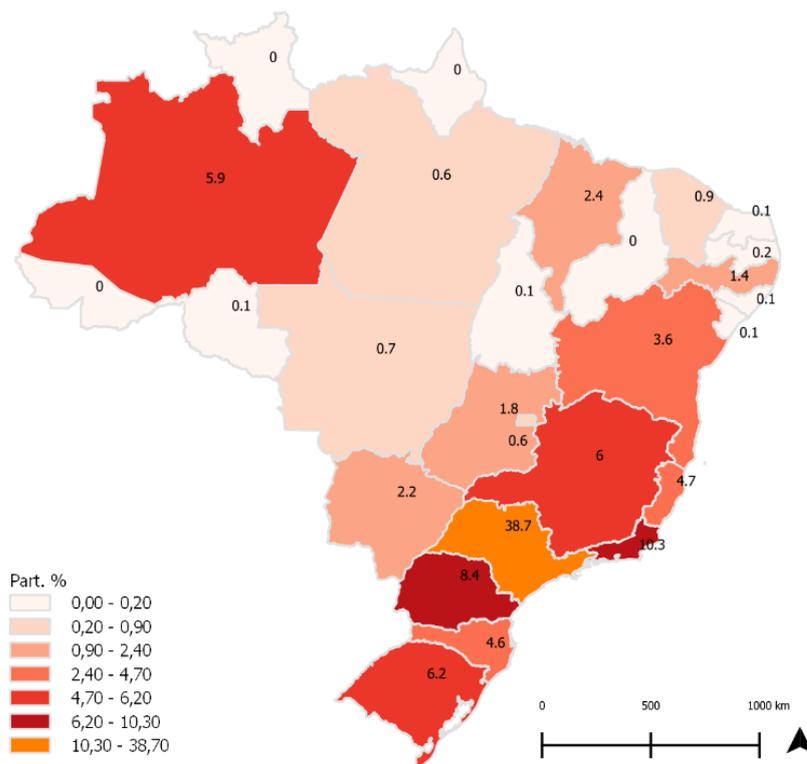
Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Além disso, a Figura 3 mostra que, diferentemente das exportações, não se observa um padrão definido de crescimento/redução das importações entre as regiões do país. Com isso, o processo observado de desconcentração das exportações (ainda que insuficiente para mudar o quadro) não ocorre de maneira tão acentuada nas importações.

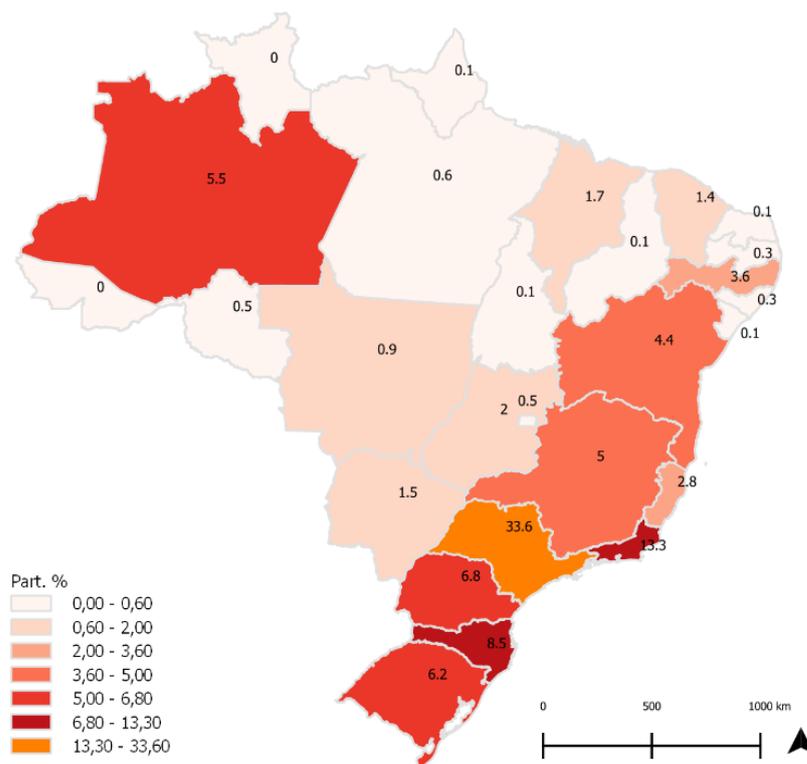
A Figura 4 mostra a participação das importações de cada UF em 2008 (a) e em 2018 (b). É possível perceber a concentração nos estados do Sul e Sudeste em ambos os mapas, porém não há um padrão definido da evolução das demais regiões. Especificamente, a redução do total importado pelo DF fez com que sua participação saísse de 1,8% do total do país para 0,5%.

**Figura 4 - Importações - Participação % (Valor FOB US\$) - Unidades Federativas - (a) 2008 e (b) 2018**

**(a) Participação % das Importações - 2008 - UF do Produto**



**(b) Participação % das Importações - 2018 - UF do Produto**



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Portanto, quanto ao grau de abertura, na comparação com as demais Unidades da Federação, o DF não possui participação significativa no tocante às exportações nem às importações. Em relação às exportações, apesar de ter expandido suas transações ao longo do tempo, o crescimento não foi suficiente para alcançar lugar de destaque em termos nacionais. Já as importações foram reduzidas no período, piorando sua posição no ranking das Unidades da Federação.

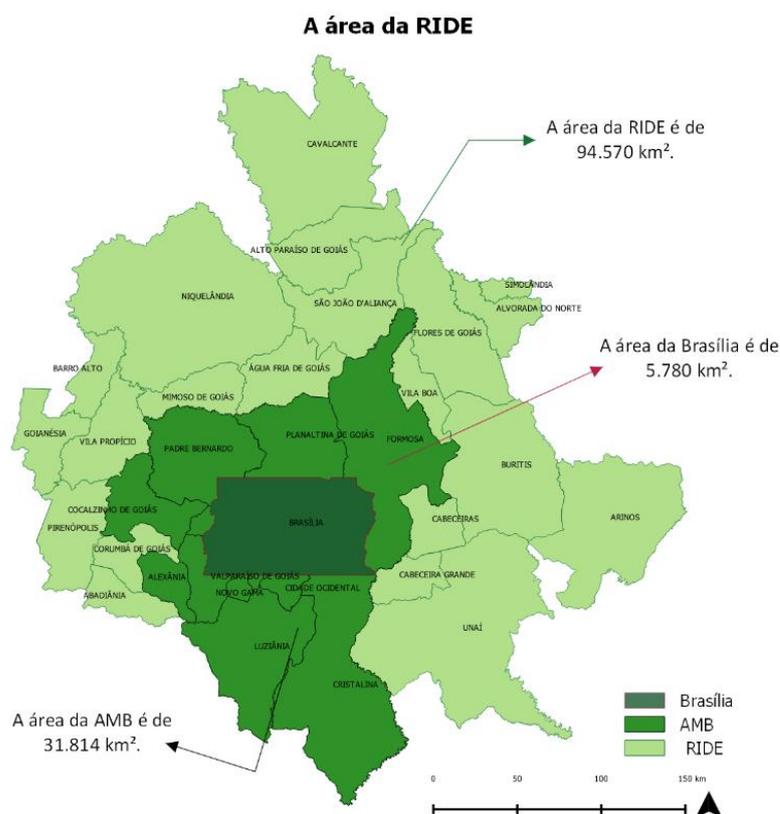
Não obstante sua pequena participação do comércio exterior em termos nacionais, o Distrito Federal é caracterizado por ser um polo econômico regional de uma série de municípios em seu entorno, especificamente entre os municípios da RIDE/DF e da Área Metropolitana de Brasília (AMB). Uma perspectiva que se faz interessante é justamente posicionar as exportações e importações do DF nessa região, para compreender seu papel.

## 4. O DF E A RIDE-DF

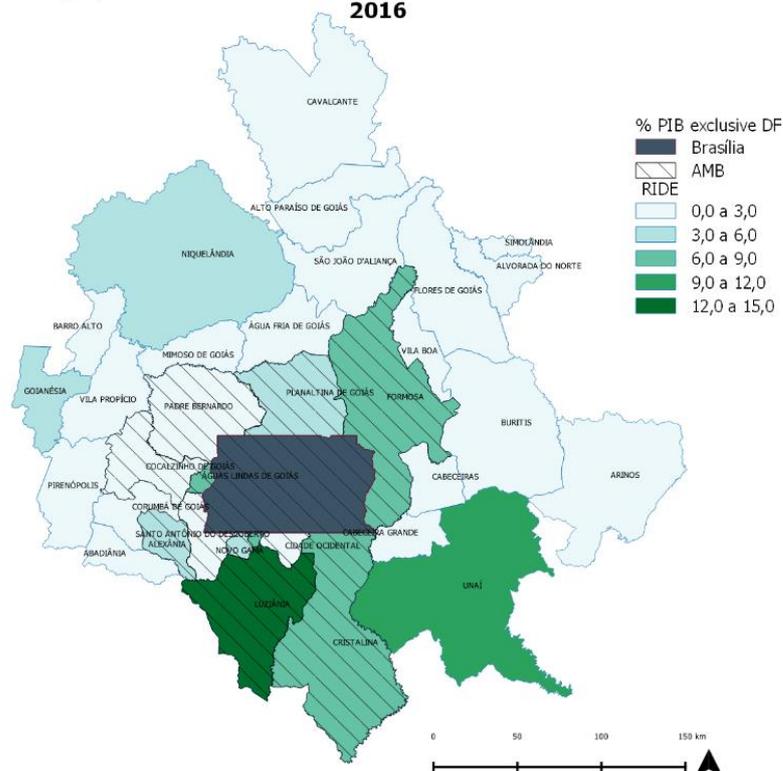
O Distrito Federal atua como polo econômico de uma série de municípios que o rodeiam, tanto no contexto regional – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do DF e Entorno (RIDE-DF) –, como no contexto metropolitano – Área Metropolitana de Brasília (AMB). Muitas das políticas públicas regionais e metropolitanas voltadas ao Distrito Federal devem ser orientadas considerando uma dessas regiões. Com isso, detalhar melhor o comércio exterior dessas regiões faz-se oportuna.

A RIDE é composta por 33 municípios dos estados de Minas Gerais (4 municípios) e Goiás (29 municípios) e o Distrito Federal.<sup>9</sup> A AMB é composta por 12 municípios goianos, que compõem também a RIDE, mais o Distrito Federal. O DF representa cerca de 6% do território da RIDE e 18% do território da AMB (Figura 5a). O maior município é Arinos (GO), com área de 9.843 km<sup>2</sup>, e o menor é Valparaíso de Goiás (GO), com 61,4 km<sup>2</sup> de território.

**Figura 5a** - Municípios RIDE-DF e AMB - Área (km<sup>2</sup>)



<sup>9</sup> A rigor, são 33 municípios e o Distrito Federal. Em 1998, a RIDE foi criada por Lei Complementar, sendo composta por 21 municípios e o Distrito Federal. Em 2018, foram incorporados mais 12 municípios em sua área de definição, totalizando 33 municípios e o Distrito Federal.

**Figura 5b** - Municípios RIDE-DF e AMB exclusive Distrito Federal - Participação % no PIB 2016**Participação % no PIB da RIDE excluindo o PIB do Distrito Federal - 2016**

O PIB do Distrito Federal em 2016 foi de R\$ 235,5 bilhões, enquanto o PIB da AMB, incluído DF, foi de R\$ 252,5 bilhões e o da RIDE, incluído DF, R\$ 262,4 bilhões.<sup>10</sup> Isso significa que o PIB do DF representa 93,3% do PIB da AMB e 89,7% do PIB total da RIDE. Nesse sentido, é interessante olhar para o PIB dos municípios excluindo o PIB do DF para melhor observar como se dá a divisão da riqueza produzida por esses municípios. Essa distribuição pode ser vista na Figura 5b, na qual se percebe que há divisão mais igualitária das riquezas produzidas pelos municípios, com as maiores participações sendo de até 15%. Ressalta-se que há uma maior concentração da riqueza ao sul e sudeste do Distrito Federal, com destaque para Unai (MG), Cristalina e Luziânia, em Goiás, e, ao Nordeste, o destaque ocorre para Formosa (GO). O maior PIB, após o DF, é o de Luziânia, com R\$ 3,4 bilhões, e o menor é de Mimoso de Goiás (GO), com R\$ 41,3 milhões.

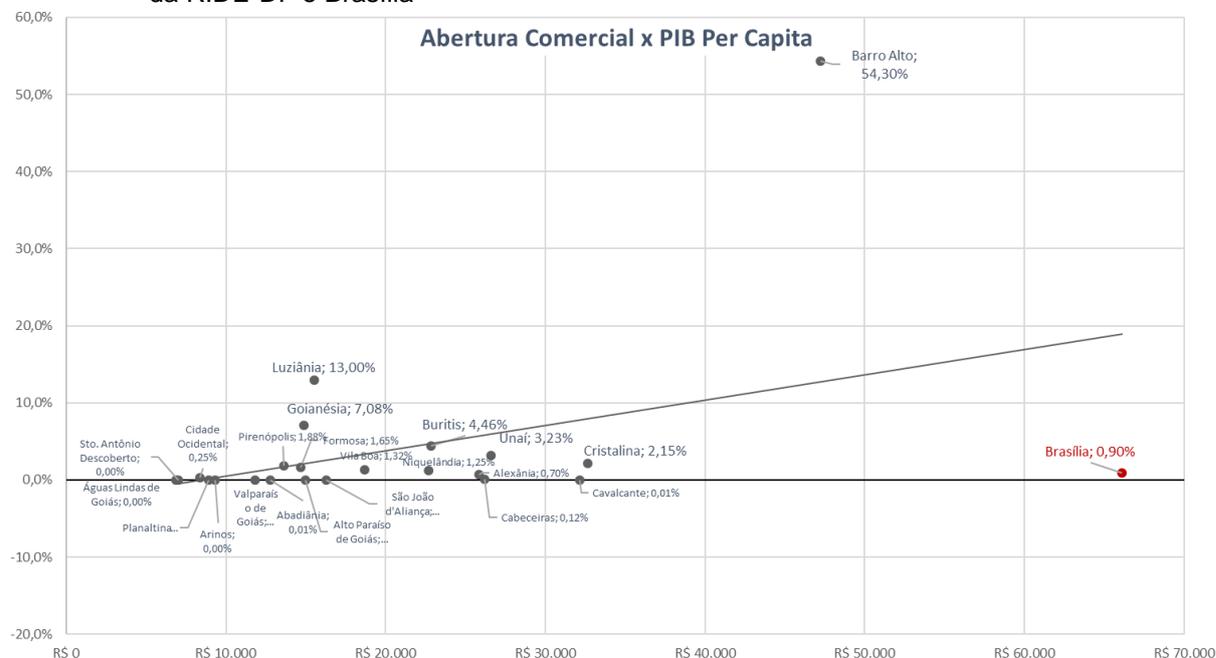
Tendo em vista essa distribuição de riqueza entre os municípios da RIDE, e considerando os municípios de maior produção de bens e serviços, é possível compreender porque, ao buscar dados sobre exportação e importação nos 34 municípios da RIDE, somente 24 municípios mais o Distrito Federal retornaram algum registro de exportação ou importação entre 2008 e 2018.<sup>11</sup> Além de serem poucos municípios com algum registro de comércio exterior, os valores são também pequenos. Assim, quando se analisa o grau de abertura comercial e o PIB per capita dos municípios da RIDE, observa-se que a maioria deles possui

<sup>10</sup> A última informação disponível para o PIB do DF e dos municípios brasileiros é referente ao ano de 2016.

<sup>11</sup> São eles: Em Goiás - Barro Alto; Abadiânia; Água Fria de Goiás; Águas Lindas de Goiás; Alexânia; Alto Paraíso de Goiás; Cabeceiras; Cavalcante; Cidade Ocidental; Cristalina; Formosa; Goianésia; Luziânia; Niquelândia; Novo Gama; Pirenópolis; Planaltina; São João d'Aliança; Santo Antônio do Descoberto; Valparaíso de Goiás e Vila Boa.  
Em Minas Gerais: Arinos; Buritis e Unai.

grau ínfimo de abertura e um PIB per capita de até 50% da renda per capita do DF, com exceção de Barro Alto (GO). Nota-se, também, que o DF novamente mostra um grau de abertura muito pequeno, dado seu patamar de PIB per capita.

**Gráfico 5 - Abertura Comercial (%) e PIB per capita (R\$ correntes) - média 2010 - 2016 - Municípios da RIDE-DF e Brasília**



Fonte: IBGE e Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A abertura comercial de um município sinaliza quanto o comércio exterior representa do seu PIB. E separar o comércio entre exportações e importações auxilia na compreensão do que significam esses números em termos de consumo e de produção de riqueza. Na próxima subseção serão analisadas as exportações da RIDE-DF e, em seguida, as importações.

#### 4.1 Exportações da RIDE-DF

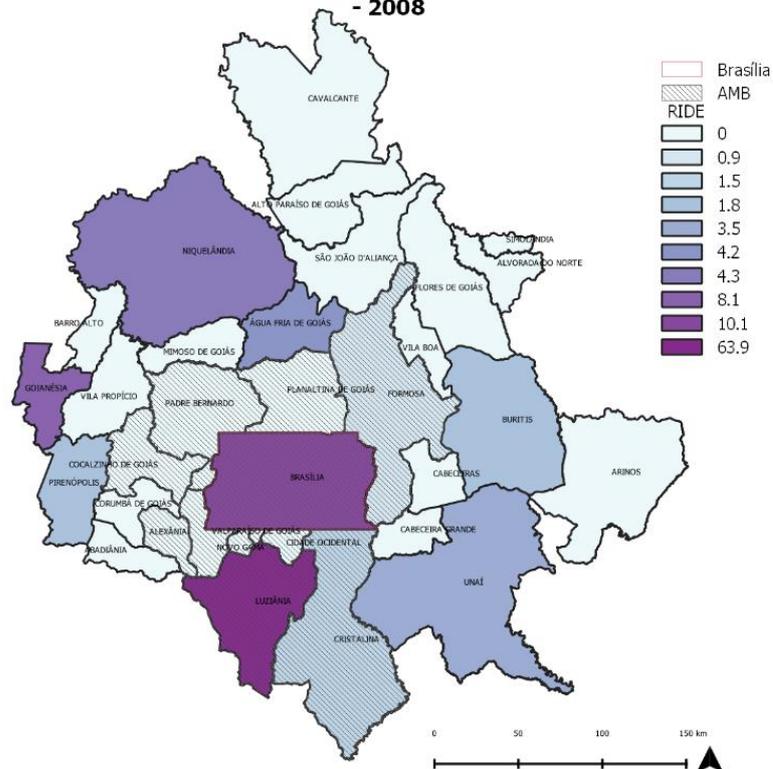
A participação dos municípios nas exportações da RIDE-DF pode ser vista na Figura 6, em 2008 (a) e em 2018 (b). O Distrito Federal, diante do crescimento já analisado anteriormente, mostrou evolução dentro do contexto da RIDE, saindo de uma participação de 10,1%, em 2008, e alcançando 14,4% do total em 2018.

Mas, diferentemente da distribuição de riqueza observada na análise espacial do PIB da RIDE, as exportações possuíam, em 2008, outro protagonista que não o Distrito Federal: Luziânia (GO).<sup>12</sup> Não apenas isso, esse protagonismo de Luziânia perdeu lugar ao longo dos anos sendo substituído por Barro Alto (GO): em 2008, Luziânia exportava 63,9% do total da RIDE, em 2018, essa fatia estava em 16,0%. Já Barro Alto, em 2008, tinha exportação nula, e, a partir de 2011, começou a registrar exportações para, em 2018, ser o maior município exportador da RIDE, com 46,1%.

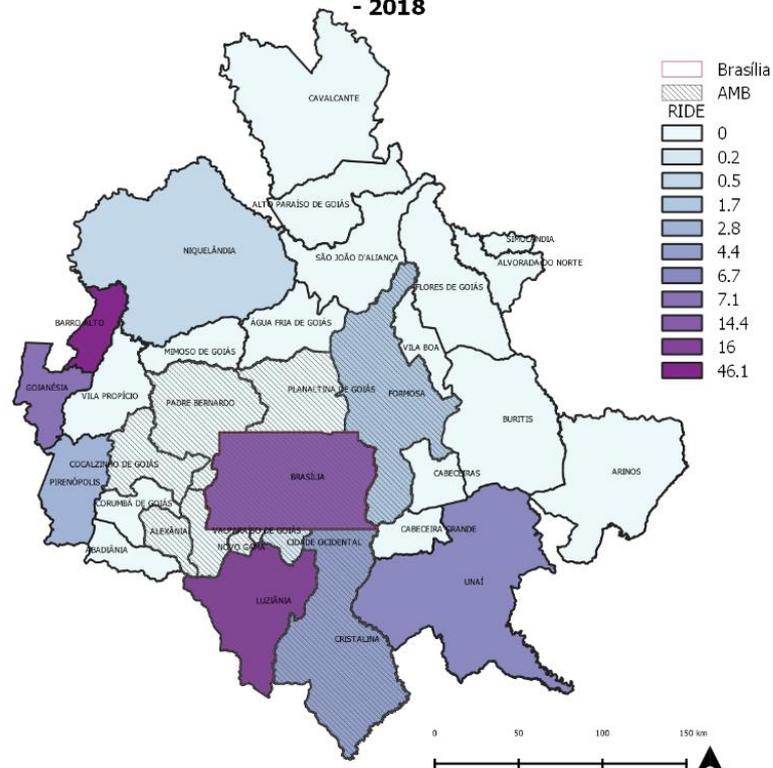
<sup>12</sup> Para a análise por municípios, a base de dados só permite a classificação por município exportador do produto (endereço fiscal da empresa exportadora), de maneira que não se pode afirmar que as exportações do município equivalem ao que foi produzido no município e exportado.

**Figura 6 - Participação % (Valor FOB US\$) nas exportações totais da RIDE-DF - Municípios da RIDE-DF e da AMB - 2008 (a) e 2018 (b)**

**(a) Participação % das exportações da RIDE/DF - municípios da RIDE/DF - 2008**



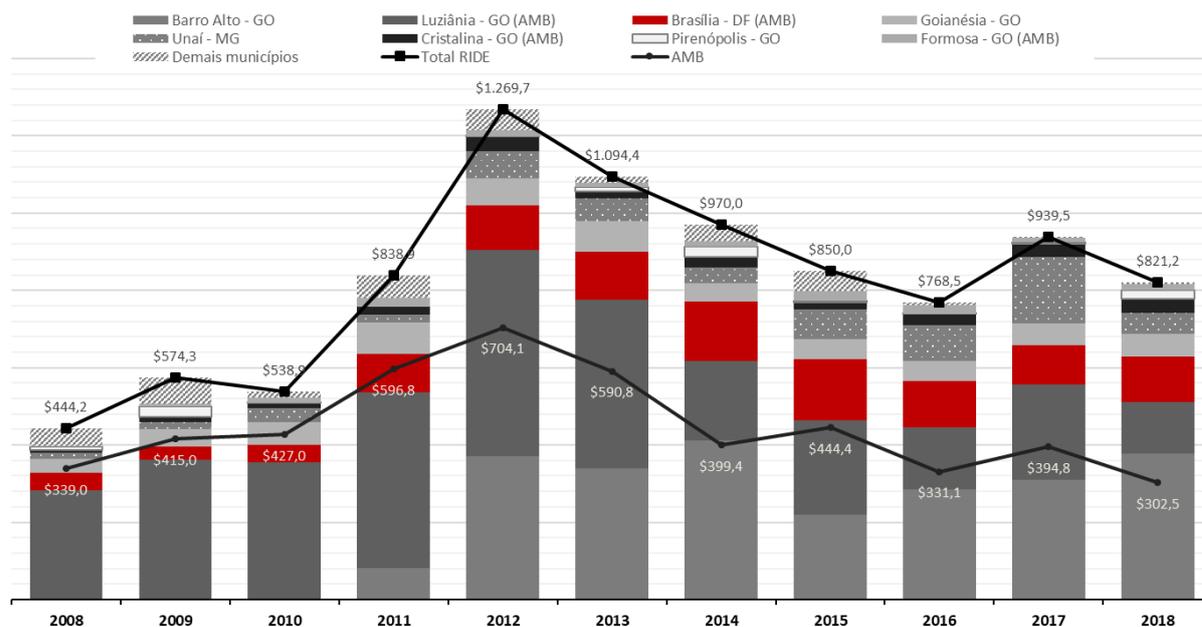
**(b) Participação % das exportações da RIDE/DF - municípios da RIDE/DF - 2018**



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A evolução das exportações ao longo do tempo na RIDE-DF pode ser observada no Gráfico 6. O que se percebe é que o movimento encontrado no DF de aumentar suas exportações ao longo do tempo não foi acompanhado por todos os municípios da RIDE. Inclusive, os valores totais exportados pela RIDE e pela AMB atingiram o pico em 2012: na RIDE-DF, com US\$ 1.269,7 milhões e, na AMB, com US\$ 704,1 milhões. Desde então, tem havido um movimento de queda, amortecido pela evolução das exportações de Barro Alto, em Goiás. Assim, devido a esse movimento de hipérbole da trajetória, quando se compara 2008 e 2018, houve um aumento das exportações na RIDE, de 84,9% e, na AMB, houve uma redução de 10,8%. Contudo, ambas regiões mostram trajetória descendente desde 2012.

**Gráfico 6** - Exportações dos municípios da RIDE-DF - US\$ Valor FOB - anual - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat

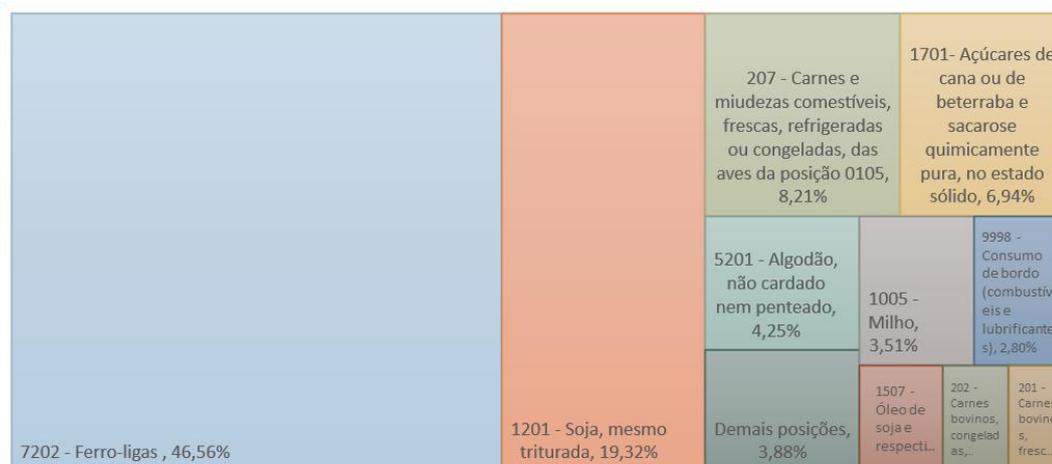
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Obs.: Os municípios que possuem menor representatividade foram agrupados em "demais".

Além da concentração em termos de valores monetários das exportações na RIDE, com poucos municípios exportadores, há também uma concentração da pauta de exportações. Em 2018, foram registradas 157 posições de mercadorias de exportações na região da RIDE, de um total de 1.241 posições do Sistema Harmonizado.<sup>13</sup> Somente dez dessas posições representavam 96,1%. As dez posições de maior valor exportado em 2018 estão apresentadas no Gráfico 7. Em 2018, a posição ferro-ligas representou 46,56%, e a soja, 19,32%. Ou seja, mais da metade dos valores exportados advém de apenas duas posições confirmando a concentração da pauta exportadora da região. Ressalta-se que ambas posições são commodities, de baixo valor agregado.

<sup>13</sup> O "Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias" (Sistema Harmonizado), criado em 1985, é mundial e tem por objetivo designar e codificar mercadorias, homogeneizando as informações de comércio exterior de 190 países. O Sistema Harmonizado (SH) é uma nomenclatura sistemática com a seguinte estrutura: 21 Seções, segmentadas em 99 Capítulos, segmentados em 1.241 Posições, subdivididas em Subposições.

**Gráfico 7** - Participação % Valor FOB US\$ - 10 posições SH4 das Exportações - RIDE-DF - 2018

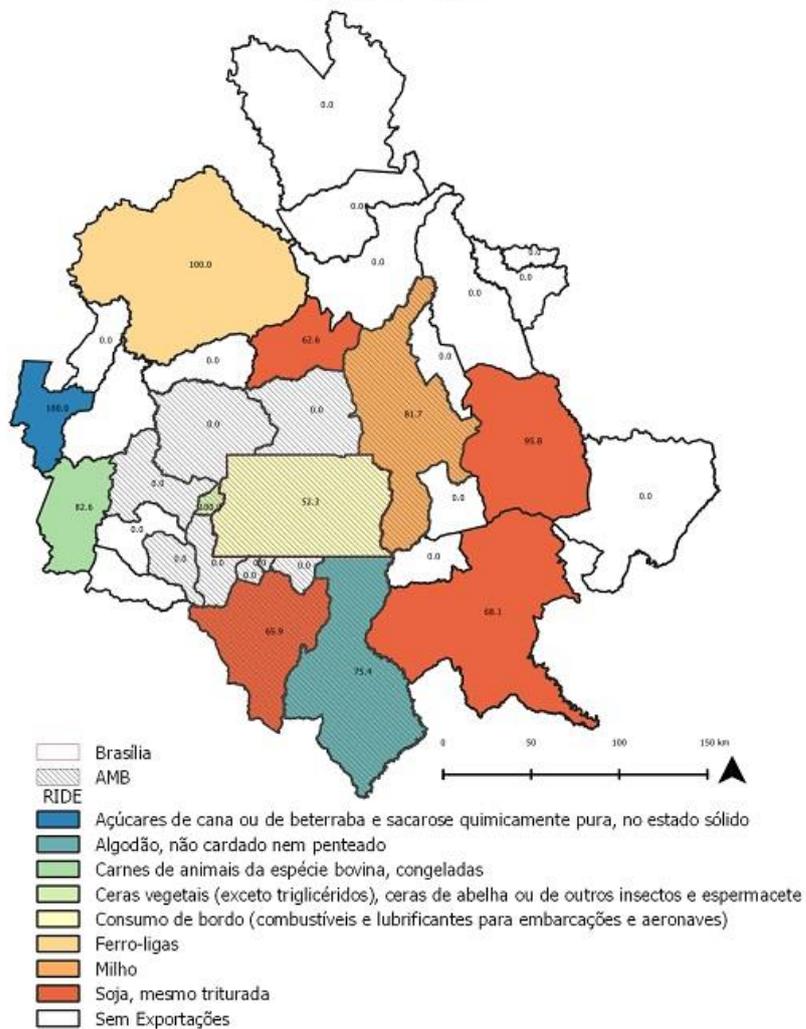


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Ademais, houve uma mudança do perfil entre 2008 e 2018 e a redução da participação da soja pode ser observada na Figura 7. Em 2008, observa-se a predominância da soja em quatro municípios da RIDE-DF e, em 2018, esse número restringiu-se a um município. E o número de produtos predominantes aumentou entre os municípios: em 2008, eram oito posições e, em 2018, passou a ser 11 posições SH4, isto é, maior diversificação. Isso sinaliza que houve, de fato, o desenvolvimento de outras atividades econômicas na região.

**Figura 7 - Posição SH4 e participação (Valor FOB US\$) da principal exportação do município - RIDE-DF - 2008 (a) e 2018 (b)** (Continua)

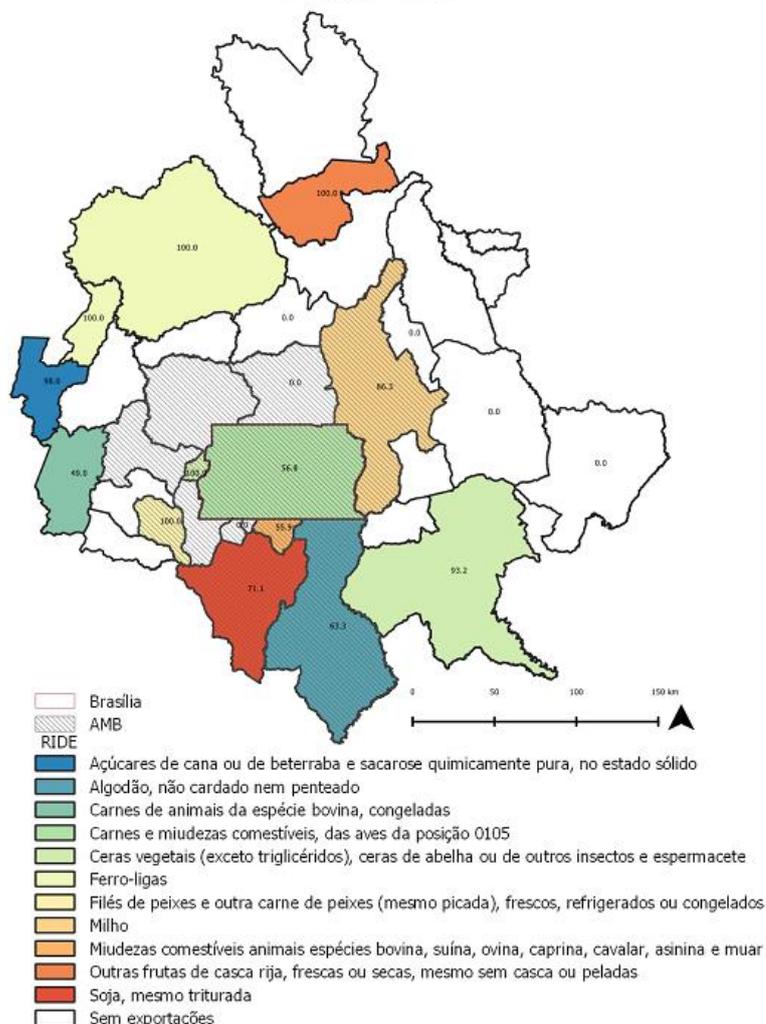
**Posição e participação % das principais exportações - municípios da RIDE/DF - 2008**



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

**Figura 7 - Posição SH4 e participação (Valor FOB US\$) da principal exportação do município - RIDE-DF - 2008 (a) e 2018 (b)** (Conclusão)

**Posição e participação % das principais exportações - municípios da RIDE/DF - 2018**

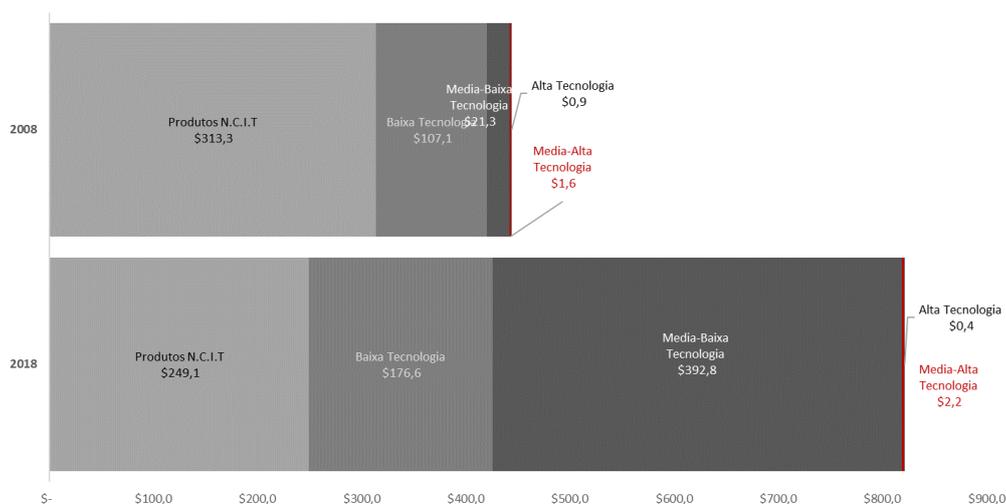


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Com as informações sobre a RIDE é possível, também, observar a evolução da indústria de transformação na região ao se categorizar as mercadorias por intensidade tecnológica.<sup>14</sup> Algumas mercadorias, como é o caso da soja e do milho, não possuem classificação produtos N.C.I.T.<sup>15</sup> por não serem produzidos pela indústria de transformação. Note-se que houve redução da participação desses produtos: em 2008, as mercadorias N.C.I.T participavam com 70,5% do valor exportado e, em 2018, participavam com 30,3%. Já os produtos com intensidade tecnológica definidos como “média-baixa” saíram de um percentual de 4,8% para 47,8%, tendo, por expoente, a produção e exportação de ferro-ligas. O Gráfico 8 apresenta os valores absolutos exportados, categorizados por intensidade tecnológica em 2008 e em 2018.

<sup>14</sup> Essa classificação foi desenvolvida para analisar somente a indústria de transformação.

<sup>15</sup> N.C.I.T é a sigla para “Não classificados na indústria de transformação”.

**Gráfico 8** - Valor US\$ FOB - Exportações por intensidade tecnológica - RIDE-DF - 2008 e 2018

Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Ainda que não tenham aumentado sua participação relativa, cabe destacar a evolução das exportações de produtos de baixa tecnologia, com expansão de 64,9% entre 2008 e 2018 no valor exportado, e das mercadorias de tecnologia média-alta, que expandiu 33,5%. A evolução da indústria de transformação tende a aumentar o leque de produtos exportados, o que tornaria a região menos dependente de poucos mercados, aumentando sua robustez ao longo do tempo.

## 4.2 Importações da RIDE-DF

Ao buscar dados sobre importação nos municípios da RIDE, os números mostram uma concentração no Distrito Federal ao longo do tempo. Em 2008, eram oito municípios com importações e, em 2018, 16 municípios. A participação nas importações pode ser vista na Figura 8, em 2008 (a) e em 2018 (b).

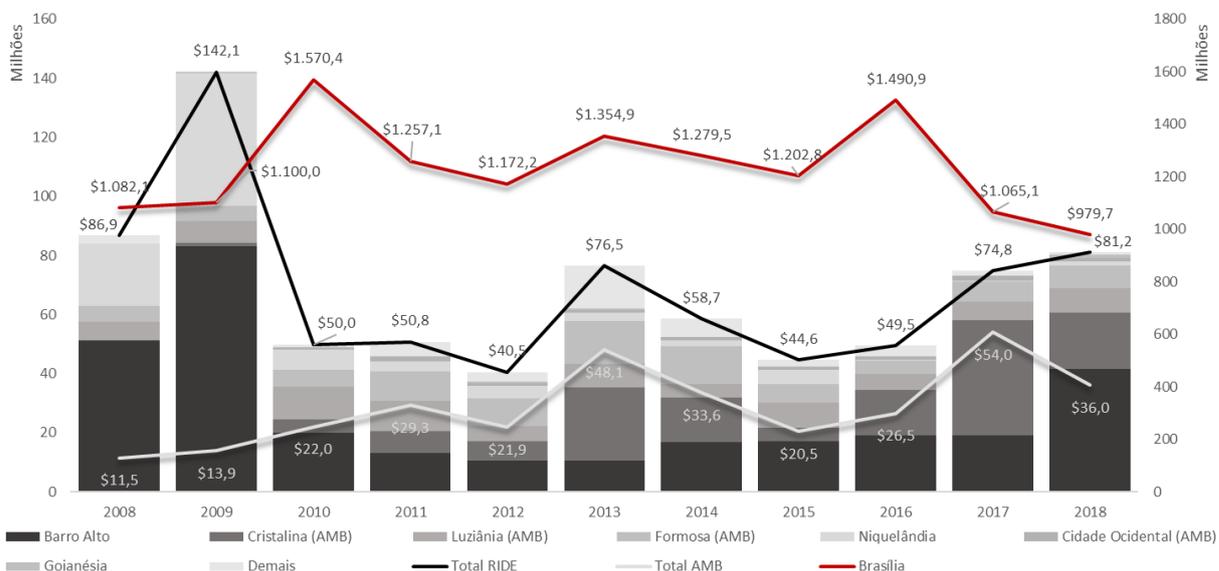


Ressalta-se que, diferentemente da distribuição das exportações, as importações da RIDE-DF possuem como protagonista o Distrito Federal, participando, em todos os anos analisados, com mais de 90% do total importado pela região.<sup>16</sup> Dada a redução do valor importado pelo DF entre 2008 e 2018, sua fatia no total das importações da RIDE diminuiu marginalmente, de 92,57% para 92,35%. Após o DF, a maior participação de município da RIDE é de Barro Alto, em Goiás, em ambos os anos. O terceiro lugar, em 2008, é do município de Niquelândia (GO) e, em 2018, Luziânia assume essa posição.

A região composta por Barro Alto e Niquelândia é caracterizada pela extração de minérios e, entre 2008 e 2010, houve um fluxo grande de investimentos para iniciar essa atividade. A análise conjunta com as exportações de Barro Alto mostra justamente isso: os anos anteriores a 2011 foram caracterizados pelos investimentos para o início da extração e, de 2011 em diante, as exportações são o resultado dessa extração, o que pode ser visto no Gráfico 8. Assim, a soma das importações de Barro Alto e Niquelândia em 2008 e 2009 chega a ser maior do que a soma de suas importações entre 2010 e 2018. E, conforme já analisado, Barro Alto sai de uma participação nas exportações da RIDE nula em 2008 para 46,1% em 2018. Além desses municípios ligados à extração de minérios, outros que se destacam nas importações compõem, também, a AMB: Formosa-GO, Luziânia-GO, Cristalina-GO, Cidade Ocidental-GO.

A evolução das importações ao longo do tempo na RIDE-DF (exclusive DF) e na AMB (exclusive o DF) pode ser observada no Gráfico 9. O que se percebe é uma trajetória descendente das importações do DF e uma trajetória de alta da AMB. Já a RIDE, após 2010, registra uma queda das importações, explicada pela região de Barro Alto e Niquelândia e, em seguida, apresenta uma trajetória levemente ascendente.

**Gráfico 9** - Importações dos municípios da RIDE-DF (município de importação) - US\$ Valor FOB Corrente - anual - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat

Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Obs.: Os municípios que possuem menor representatividade foram agrupados em "demais".

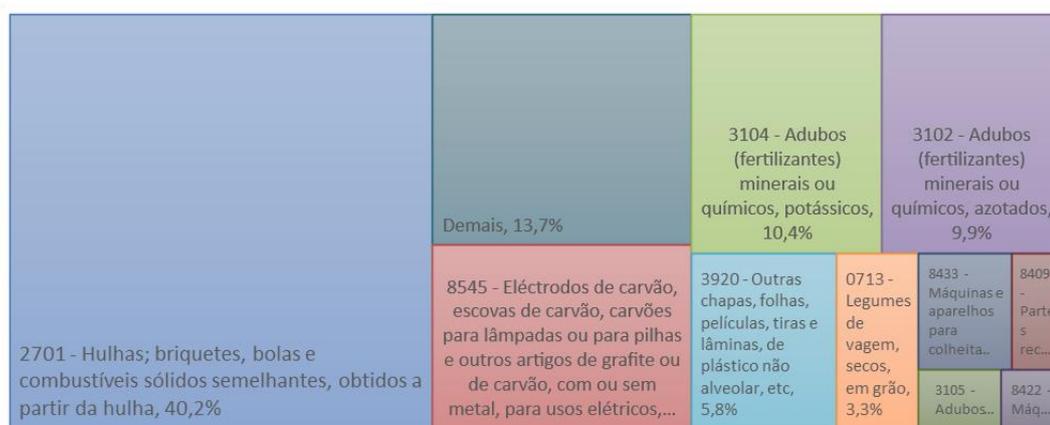
Além da concentração em termos de valores monetários das importações em poucos municípios, há uma concentração da pauta de importações, ainda que em menor grau do que

<sup>16</sup> Para a análise por municípios a base de dados só permite a classificação por município importador do produto (endereço fiscal da empresa importadora).

a encontrada nas exportações. Em 2018, foram registradas 531 posições de mercadorias importadas na região da RIDE, incluindo o Distrito Federal, de um total de 1.241 posições do Sistema Harmonizado.<sup>17</sup> Porém, devido ao peso do Distrito Federal nas importações da RIDE-DF, para uma avaliação mais acurada de sua pauta de importações, optou-se por excluir os registros do Distrito Federal, que serão analisados na próxima seção com mais detalhe.

Assim, ao se excluir o Distrito Federal do total da RIDE-DF, o número de posições cai para 161. E, em 2018, somente dez posições representavam 86,3% do total importado da RIDE (Gráfico 10). A posição de maior valor importado era a 2701 – Hulhas, briquetes, bolas e combustíveis sólidos semelhantes, com 40,20%, enquanto adubos e fertilizantes aparecem em quarto, indicando a importância das lavouras, como a soja, já identificada na análise das exportações.

**Gráfico 10** - Participação % em Valor FOB US\$ das 10 posições SH4 das Importações - RIDE-DF exclusive Distrito Federal - 2018



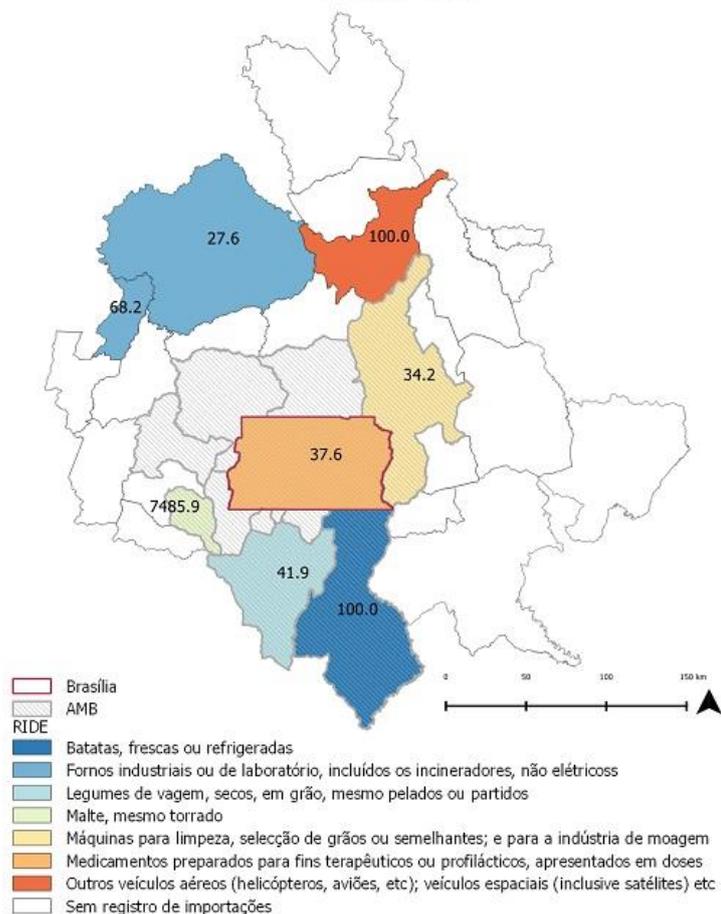
Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Pode-se observar, na Figura 9, a evolução das importações na RIDE-DF. Percebe-se que entre 2008 e 2018 há um aumento no número de municípios com registro de importações, sendo que praticamente cada um dos municípios possui uma posição SH4 predominante diferente. Há também uma mudança das principais importações dos municípios. Em 2008, registra-se a importação de máquinas, equipamentos e veículos, enquanto em 2018 a maior parte das principais posições dizem respeito a insumos, ao invés de itens de investimento. Em relação à Brasília, há certa estabilidade da demanda por medicamentos, vacinas etc., por parte do governo federal, de forma que sua principal importação se manteve.

<sup>17</sup> O "Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias" (Sistema Harmonizado), criado em 1985, é mundial, e tem por objetivo designar e codificar de mercadorias, homogeneizando as informações de comércio exterior de 190 países. O Sistema Harmonizado (SH) é uma nomenclatura sistemática com a seguinte estrutura: 21 Seções, segmentadas em 99 Capítulos, segmentados em 1.241 Posições, subdivididas em Subposições.

**Figura 9** - Posição SH4 de maior participação nas importações do município e sua participação relativa ao total importado pelo município - RIDE-DF - 2008 (a) e 2018 (b) (Continua)

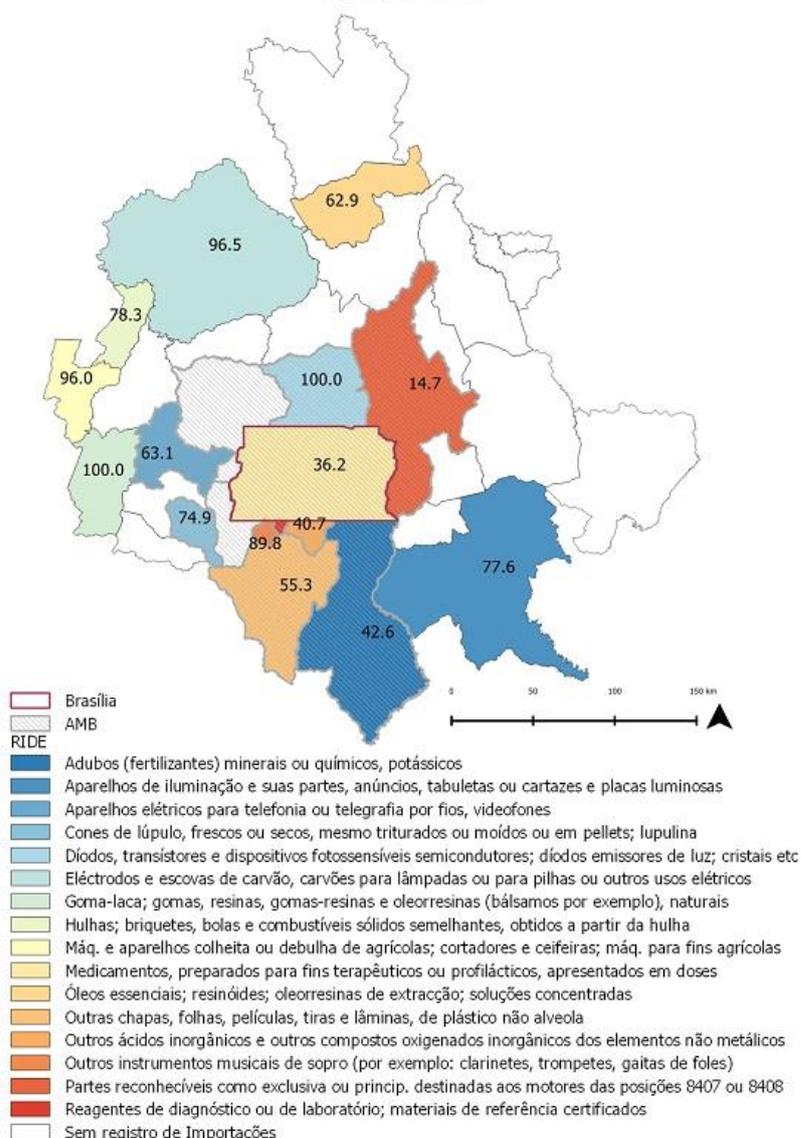
**(a) Posição e participação % das importações da RIDE/DF - municípios da RIDE/DF 2008**



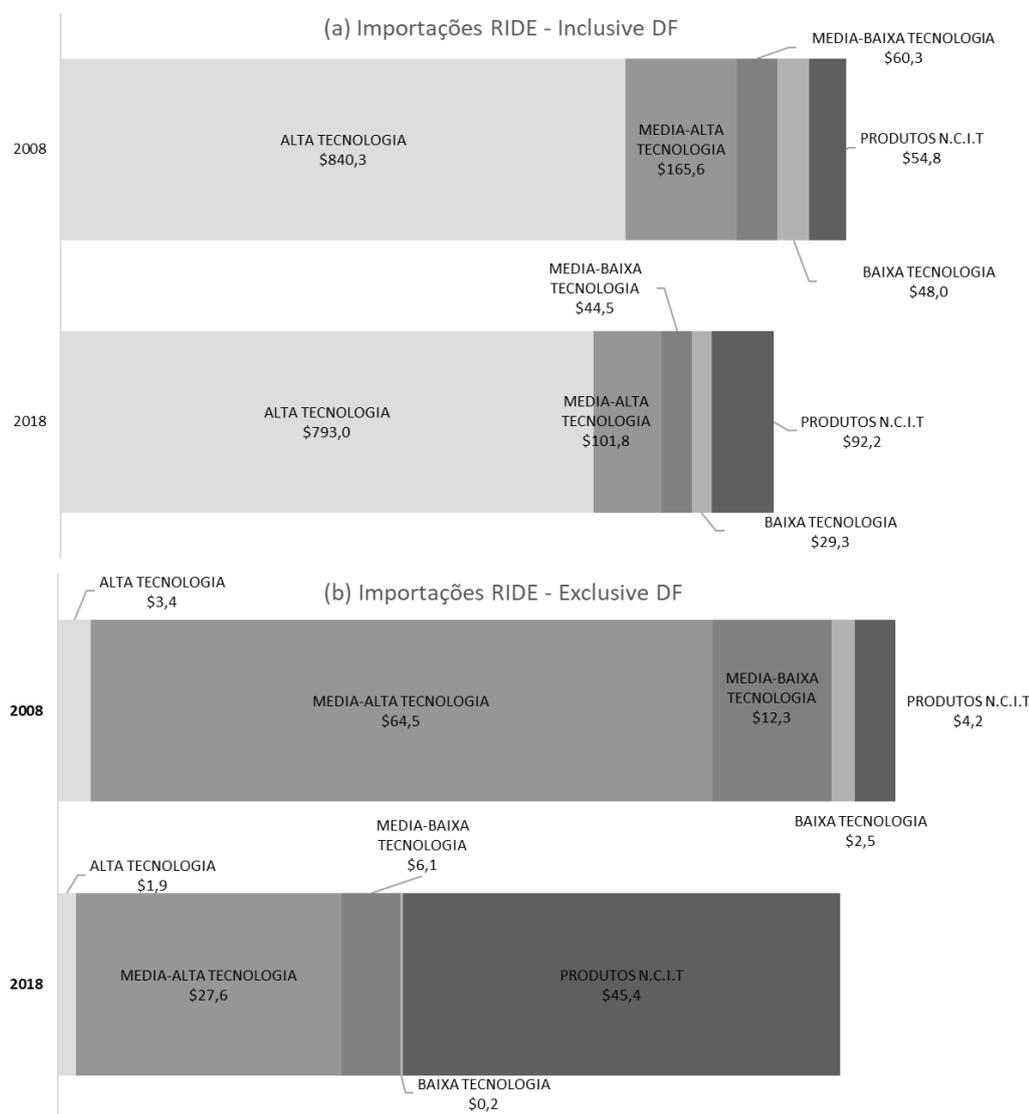
Fonte: Comex Stat  
 Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

**Figura 9** - Posição SH4 de maior participação nas importações do município e sua participação relativa ao total importado pelo município - RIDE-DF - 2008 (a) e 2018 (b) (Conclusão)

**(b) Posição e participação % das importações da RIDE/DF - municípios da RIDE/DF 2018**



Pode-se, ainda, observar a pauta de importações pela ótica da intensidade tecnológica das mercadorias. O Gráfico 11 apresenta as importações da RIDE com (a) e sem (b) os registros do Distrito Federal. Quando o DF está incluído, a maior parte das importações é alto nível tecnológico, sendo que a redução das importações entre 2008 e 2018 ocorre em quase todas as categorias, com exceção dos produtos não classificados como indústria de transformação (produto N.C.I.T.) – que expandiram 68,2% em valor na comparação entre os dois anos. Já quando se analisa as importações sem o DF, são as importações de produtos de média alta tecnologia que sobressaem em 2008 e, em 2018, estas diminuem e as importações de produtos não classificados que passam a ser preponderantes.

**Gráfico 11** - Valor US\$ FOB - Importações por intensidade tecnológica - RIDE inclusive DF (a) e RIDE exclusive DF (b) - 2008 e 2018

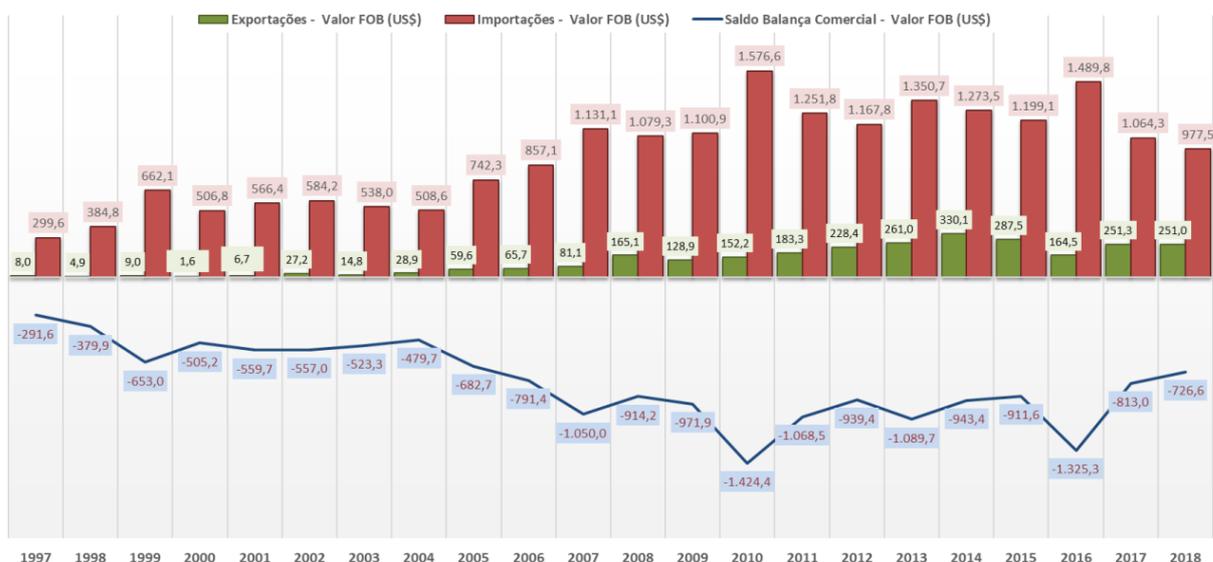
Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

De maneira geral, o que se observa para a RIDE é que o DF atua de maneira distinta nas exportações e nas importações. No caso das exportações, o DF não possui participação elevada da RIDE, e seu principal produto de exportação em 2018 foi carnes e miudezas comestíveis de aves, isto é, uma mercadoria advinda da indústria de transformação, com baixa tecnologia. Já entre as importações da RIDE, o DF concentra mais de 90% do valor total, sendo os medicamentos os principais produtos de importação. Não apenas isso, o DF é responsável pela exportação de mais de 130 posições de mercadorias e quase 500 posições para importação, isto é, a pauta do DF é muito mais diversificada do que a pauta da RIDE nas transações internacionais. A seguir, serão apresentadas algumas características das exportações e das importações especificamente do Distrito Federal.

## 5. O COMÉRCIO EXTERIOR DO DISTRITO FEDERAL

Como foi mostrado ao longo desta Nota Técnica, as importações do Distrito Federal totalizam um valor muito maior quando comparado ao valor das exportações. Isso faz com que o saldo da Balança Comercial do DF (exportações – importações) venha apresentando saldos negativos desde 1997. O valor das importações foi oito vezes o valor das exportações somente em 2018. De acordo com o Gráfico 12, o resultado da BC é praticamente um reflexo do comportamento das importações, o que sinaliza que não é uma questão de não haver comércio exterior de mercadorias no Distrito Federal mas, sim, de as exportações serem diminutas no contexto local.

**Gráfico 12** - Exportações, importações e saldo da balança comercial - Valor FOB (US\$ Milhões) - anual - Distrito Federal - 1997 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Para entender melhor esse descasamento entre importações e exportações, serão apresentadas algumas características das exportações e, em seguida, das importações.

### 5.1 Exportações do DF

As exportações do Distrito Federal a serem analisadas nesta seção dizem respeito aos produtos produzidos no Distrito Federal e exportados (UF do produto), de forma que não são números completamente comparáveis com as informações expostas na seção anterior sobre as exportações na RIDE.<sup>18</sup> Conforme mostrado no Anexo I, os valores diferem consideravelmente, de forma que em 2018, pela classificação das exportações do município

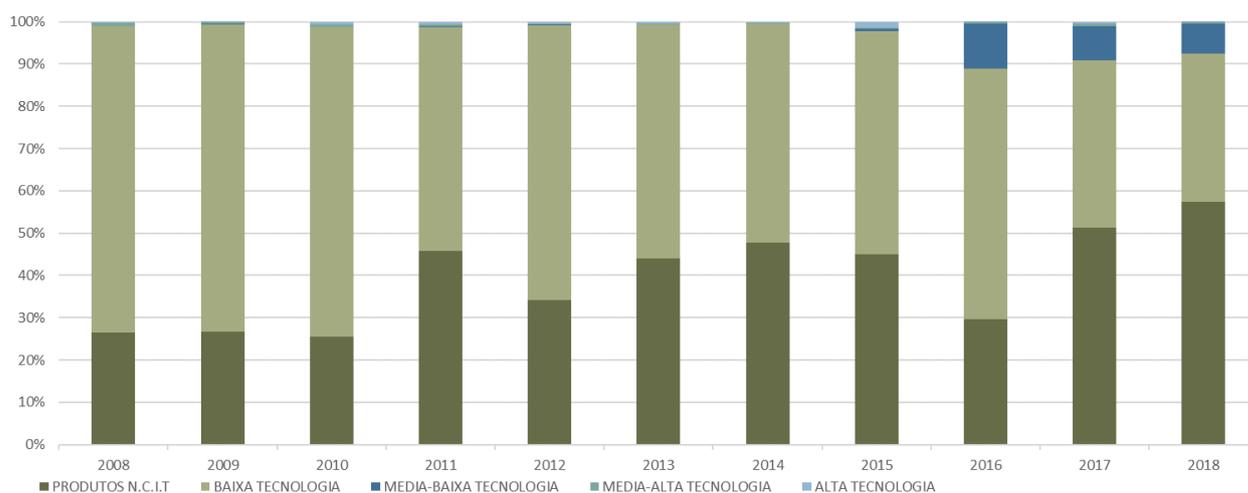
<sup>18</sup> A análise detalhada das exportações dos municípios é limitada ao nível de posição de mercadoria, pela classificação do Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias. O nível de subposição de mercadorias (SH6) ou produto por Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) só está disponível para o nível territorial de UF sob a categoria UF do produto exportado.

fiscal de exportações, o valor foi de US\$ 118,6 bilhões, e, pela classificação da UF do produto, o valor foi de US\$ 251,0 bilhões.

Também, como já identificado anteriormente, houve um aumento significativo das exportações do Distrito Federal entre 2008 e 2018, com variação acumulada de 52%. Contudo, falta avaliar a composição dessas exportações no Distrito Federal, e a primeira decomposição realizada é a de intensidade tecnológica dos produtos produzidos e exportados pelo Distrito Federal. O Gráfico 13 apresenta a evolução da composição das exportações sob essa ótica.

A análise gráfica permite observar que houve uma redução ao longo do tempo da participação de produtos de baixa tecnologia, que perderam lugar para produtos não classificados na indústria de transformação, principalmente em 2017 e 2018. Entre os produtos que tiveram aumento de participação, pode-se citar, como principais, as posições *soja*, mesmo triturada, e *consumo de bordo (combustíveis e lubrificantes etc)*. Já na categoria baixa tecnologia, a queda na participação se deu na indústria alimentícia, para consumo e para indústria, dos produtos diversos derivados de aves (galos e galinhas). Por fim, cabe notar o crescimento das exportações da indústria de média-alta tecnologia a partir de 2015, que se sustentou em novo patamar na composição da pauta. O principal expoente dessa indústria é a posição *Ouro em barras, fios e perfis de seção maciça*.

**Gráfico 13** - Participação (%) das exportações (Valor FOB US\$) por intensidade tecnológica - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat

Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

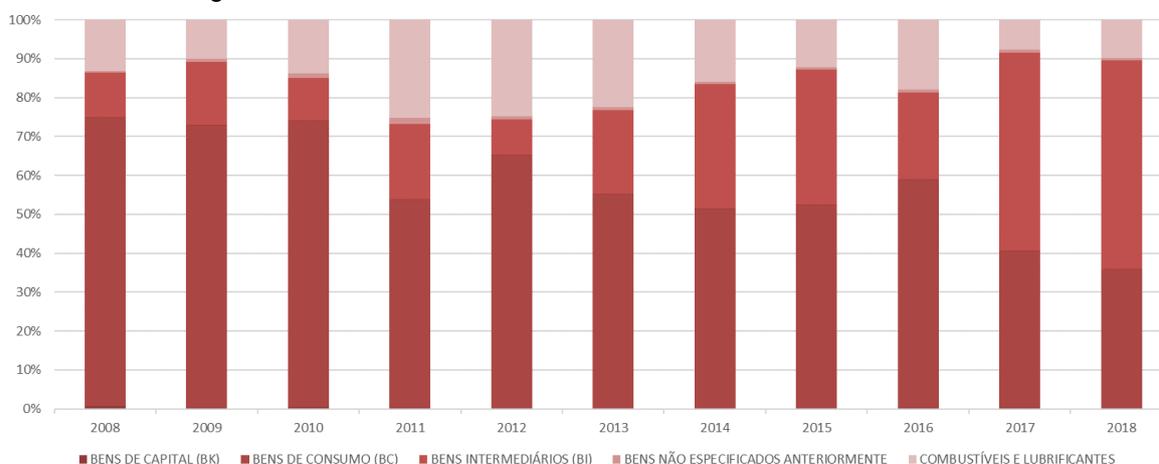
Outra decomposição que pode ser feita diz respeito às grandes categorias de atividades econômicas associadas à produção da mercadoria. Entende-se que essa classificação tem por objetivo identificar a destinação do bem produzido, isto é, qual será o seu uso. Nesse sentido, são cinco grandes categorias econômicas: bens de capital, bens intermediários, bens de consumo, bens não classificados, e combustíveis e lubrificantes.

No caso das exportações do Distrito Federal, aparecem como destaque três das cinco categorias: bens de consumo, bens intermediários e combustíveis e lubrificantes. Cabe lembrar que no Distrito Federal não se produz combustíveis e lubrificantes, porém, exporta tais produtos que são classificados como consumo de bordo, operações realizadas pelo aeroporto local. Essas operações vêm diminuindo de importância relativamente às demais categorias de atividade econômica, devido, sobretudo, pelo cancelamento de voos internacionais de e para Brasília.

Contudo, o destaque para essa decomposição está no crescimento da categoria bens intermediários, cujos bens são utilizados como insumos na produção de outros bens e serviços. Note-se que é possível perceber a evolução dos bens intermediários frente aos bens de consumo no Gráfico 14, em que o primeiro sofre uma redução de participação, saindo do patamar de 74% e alcançando em torno de 35%, e o segundo sai de uma fatia de 11% e alcança 53% em 2018. Essa categoria é importante por inserir os produtos do DF em cadeias globais de produção, ainda que limitados ao pequeno montante exportado.

Especificamente, a categoria de bens intermediários exportados é a de *Alimentos e bebidas básicos*, destinados principalmente à indústria, que passou a ser predominante em termos de valores exportados a partir de 2017. Até esse ano, a categoria predominante era a de *Alimentos e bebidas elaborados*, destinados principalmente ao consumo doméstico.<sup>19</sup>

**Gráfico 14** - Participação (%) das Exportações (Valor FOB US\$) por Classificação de Grandes Categorias Econômicas - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Uma outra relação que se pode fazer é a conexão entre bem produzido e o setor de atividade econômica que o produz. A ideia é identificar quais são os segmentos econômicos que produzem esses bens exportados, isto é, correlacionar produto (NCM)<sup>20</sup> à atividade econômica (CNAE)<sup>21</sup> exercida pela empresa que o produziu.

O Gráfico 15 apresenta a evolução dos principais bens exportados ao longo do tempo. A primeira observação é o crescimento da exportação de soja, de 2011 em diante, sob a CNAE produção de sementes certificadas, mostrando uma característica relevante da produção dessa lavoura no Distrito Federal: a região é conhecida por produzir sementes de soja, que possuem maior valor agregado frente à soja para semeadura. A segunda diz respeito à atividade abate de suínos, aves e pequenos animais, responsável pela segunda, terceira e sexta maiores exportações em valores FOB do Distrito Federal. Ainda que a atividade tenha perdido participação ao longo do tempo, ainda se faz relevante na região. A terceira observação é, novamente, o surgimento das exportações de ouro em barra, fios etc., que está entre as atividades de metalurgia de metais preciosos. Em 2014, esse produto passou a ter

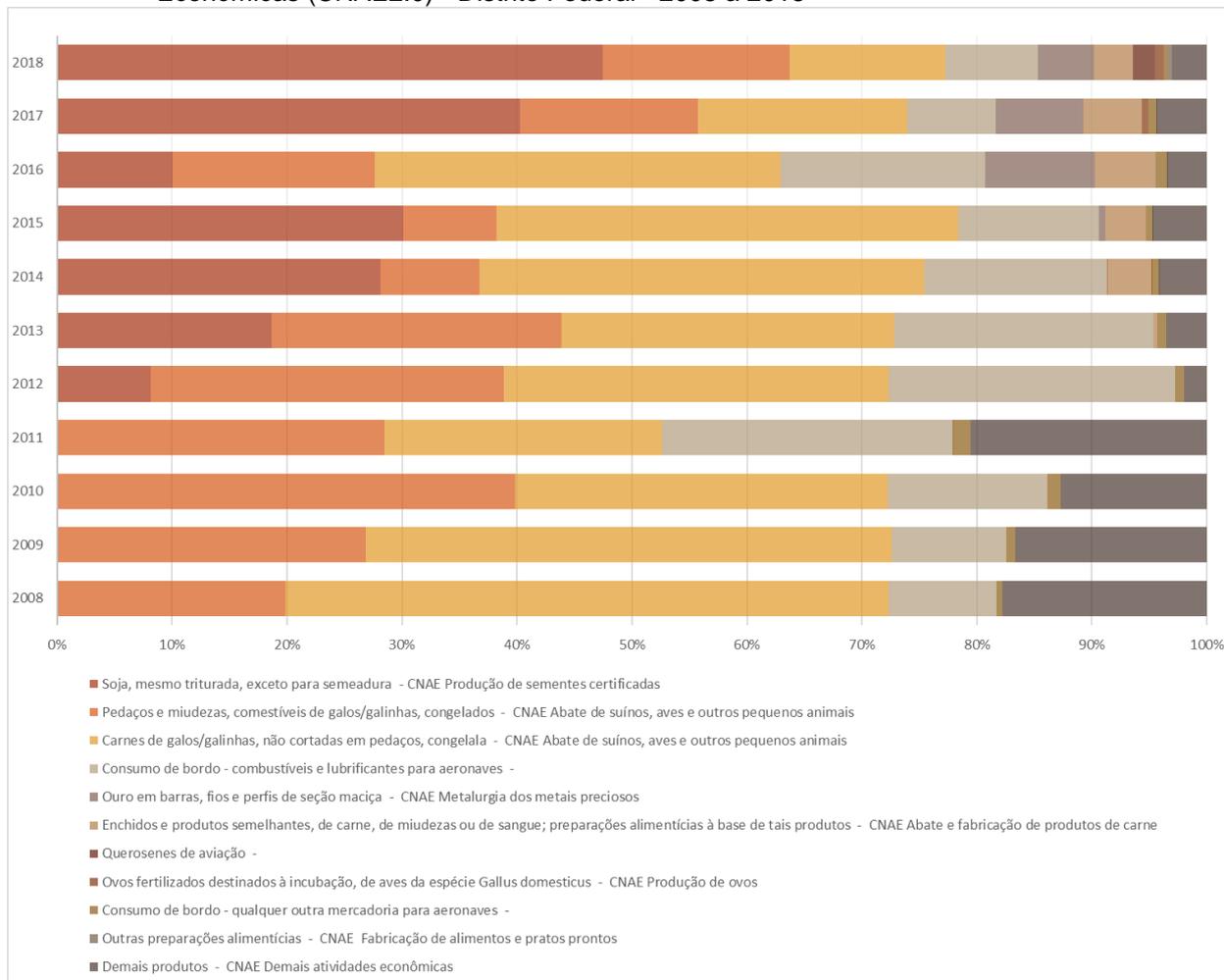
<sup>19</sup> A distinção entre produtos básicos e elaborados essencialmente diz respeito ao setor em que são produzidos. Os bens classificados como básicos são os produzidos pelos setores primários da economia, i.e., agricultura, silvicultura, caça, pesca e indústrias extrativas. Os produtos elaborados são classificados por exclusão, ou seja, tudo que não é básico é elaborado.

<sup>20</sup> NCM é a sigla para Nomenclatura Comum do Mercosul.

<sup>21</sup> CNAE é a sigla para Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

destaque entre as exportações do DF, e, em 2018, teve quinta maior fatia das exportações em valor da região.

**Gráfico 15** - Participação (%) das Exportações (Valor FOB US\$) por Classificação de Produtos por NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul) e Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE2.0) - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat

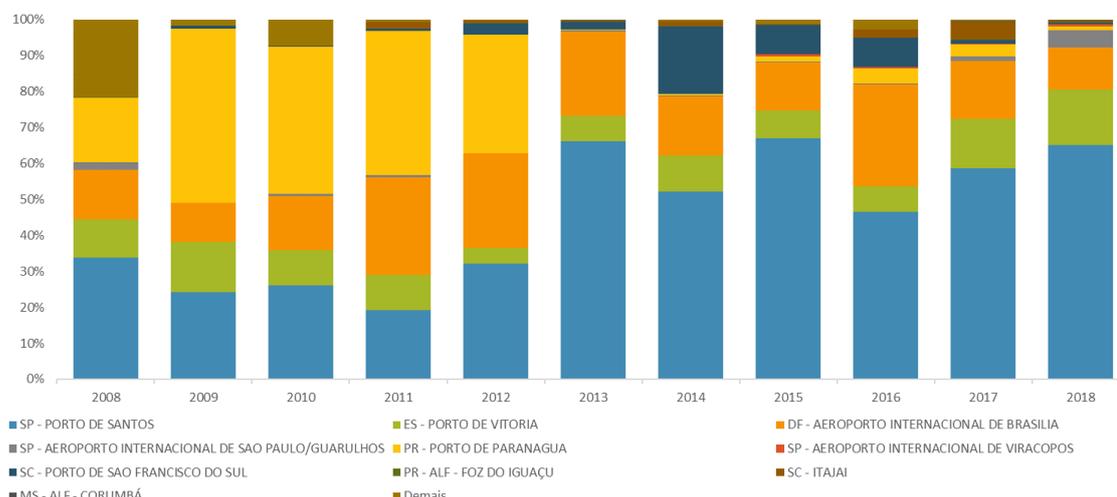
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Outra observação que pode ser feita é por onde essa produção é exportada. Uma vez que o Distrito Federal não possui portos e está longe do oceano, os produtos devem ser escoados para o exterior por outras UFs, principalmente os produtos que possuem menor valor agregado e maior peso, como é o caso de produtos como a soja, entre outros. O Gráfico 16 aponta a participação das exportações em valores, mostrando os principais locais por onde os bens produzidos no DF foram exportados ao longo do tempo. Ressalta-se que o Porto de Santos (SP), distante 1.092 quilômetros de Brasília, é o principal porto de escoamento da produção do DF ao longo dos anos. Alguns outros portos mostraram alguma importância, porém, em 2018, não aparecem mais entre os principais, como é o caso do Porto de Paranaguá (PR) – 1.452 km de distância – e do Porto de São Francisco do Sul (SC) – 1.550 km de distância.

Um ponto de destaque, no entanto, diz respeito ao papel dos aeroportos nas exportações do Distrito Federal. Entre os dez principais pontos alfandegários de exportações (URF), em termos de valores, três deles são aeroportos. Sabe-se que a exportação por via aérea se faz vantajosa somente diante de produtos de alto valor agregado e de menor peso,

uma vez que os custos logísticos desse modal são muito altos. E é justamente isso que se nota, quando se divide o valor exportado pelo quilograma exportado: nos pontos alfandegários aéreos, o valor por quilograma exportado chega a ser, no mínimo, o dobro do valor registrado no Porto de Santos, sendo que pode equivaler a quase 100 vezes, como é o caso dos produtos exportados pelo Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro em 2018.

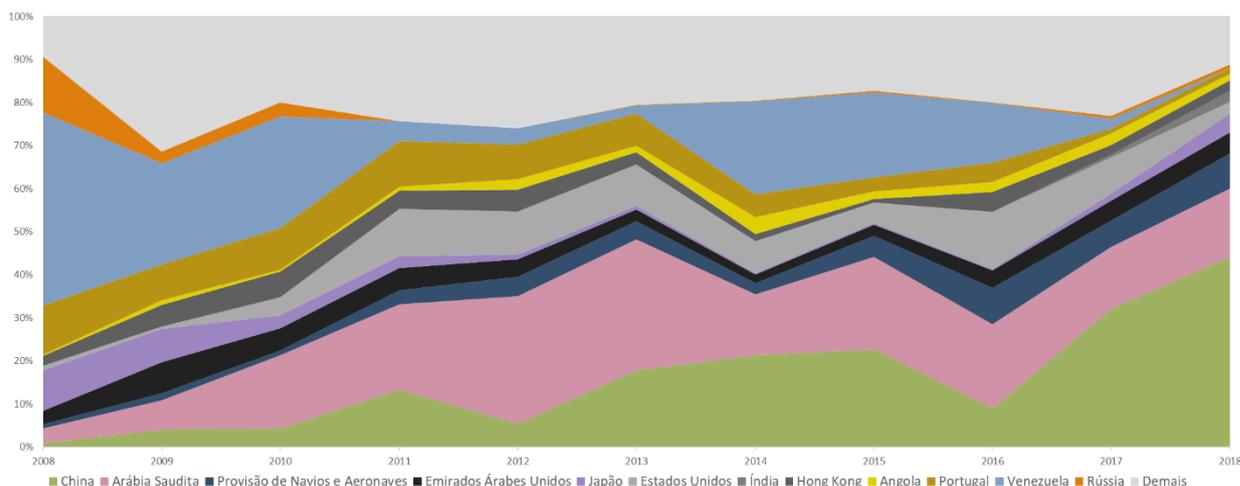
**Gráfico 16** - Participação (%) das Exportações (Valor FOB US\$) por ponto alfandegário (URF) - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Por fim, outra decomposição do total de exportações diz respeito ao destino das mesmas, apresentado no Gráfico 17. Em 2008, o principal destino das exportações do Distrito Federal foi a Venezuela (azul claro), que representou 29,5% do total, enquanto a China (verde), à época, aparecia em 13º lugar, com apenas 0,8% do total. Em 2018, o quadro mudou totalmente, e a Venezuela representou 0,0% das exportações do DF enquanto a China atingiu o índice de 44,1%. Outro país que chegou a apresentar 13,0% das exportações em 2008 foi a Rússia (laranja) e chegou em 2018 com 0,7% de representatividade. Cabe destacar, no entanto, a Arábia Saudita (rosa) como um parceiro de relevância ao longo do tempo, apesar de ter reduzido sua participação, representou 15,8% do total exportado em 2018.

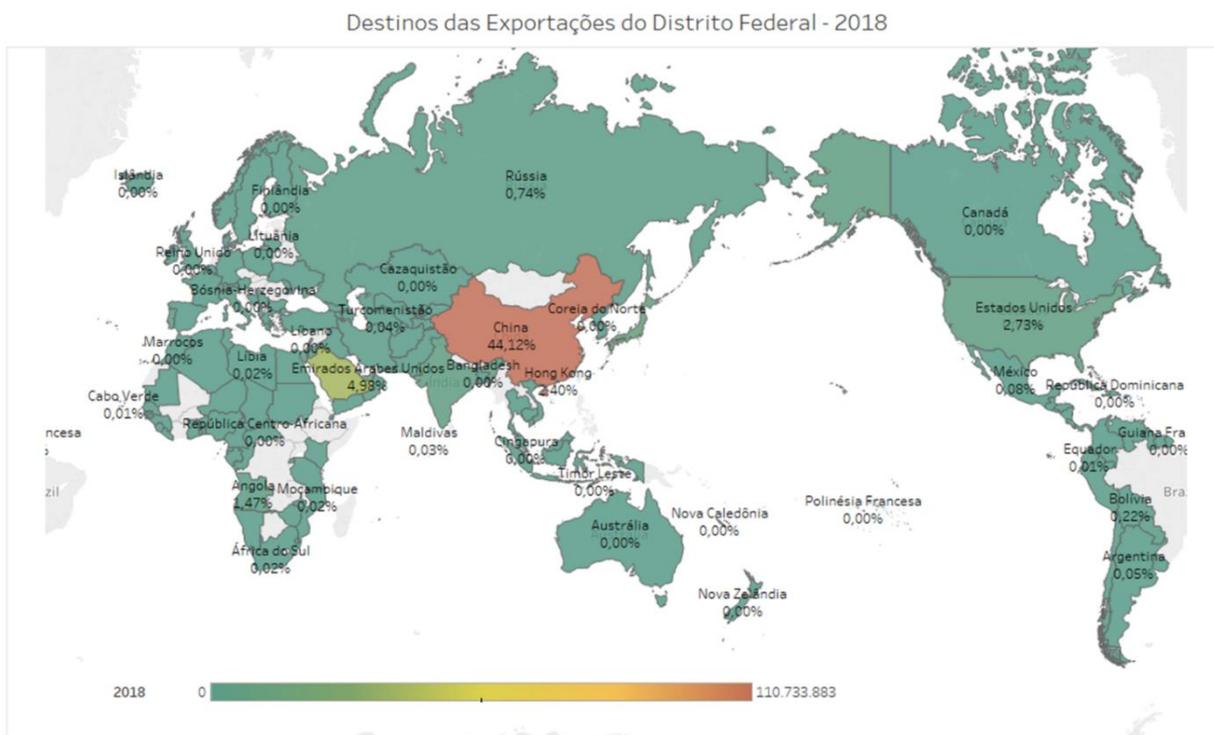
**Gráfico 17** - Participação (%) das Exportações (Valor FOB US\$) por país de destino - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A Figura 10 apresenta os países de destino das exportações do Distrito Federal em 2018. É perceptível a concentração das exportações em dois países, que representaram mais da metade das exportações do DF no ano em questão: Arábia Saudita, 15,8% e China, 44,1%.

**Figura 10** - Participação (%) das Exportações (Valor FOB US\$) por país de destino - Distrito Federal - 2008 a 2018



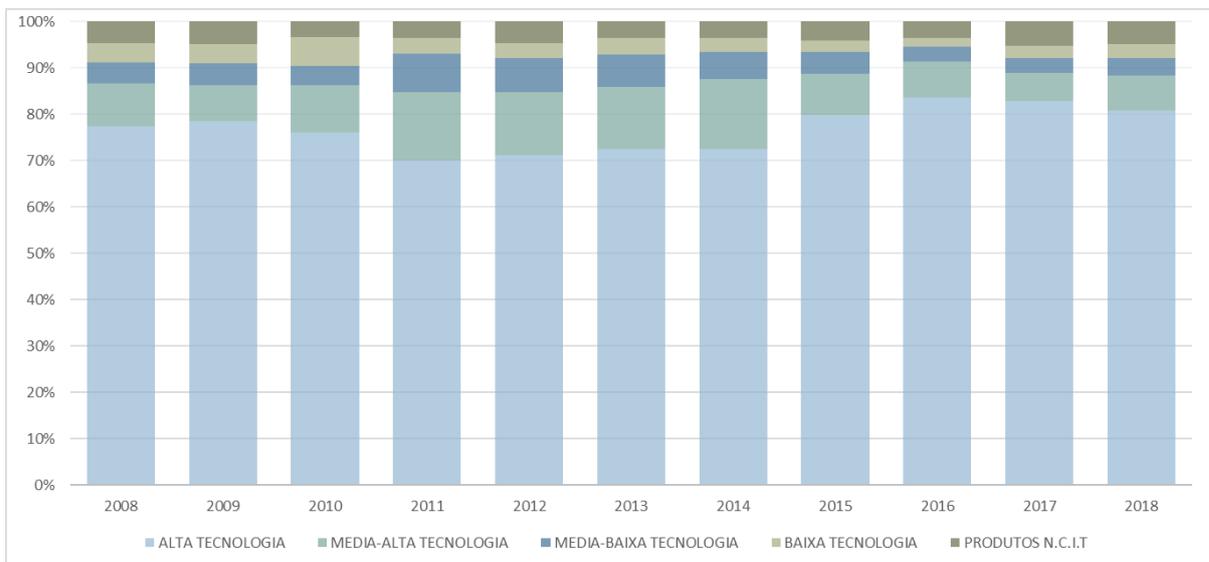
Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

## 5.2 Importações do DF

Como identificado anteriormente, houve um aumento significativo das importações do Distrito Federal entre 1997 e 2018, porém, entre 2008 e 2018, foi registrada uma redução de 9%. Assim, cabe avaliar a composição dessas importações ao longo do tempo, e a primeira decomposição realizada é a de intensidade tecnológica dos produtos importados pelo Distrito Federal. O Gráfico 18 apresenta a evolução da composição das importações sob essa ótica.

A análise gráfica permite observar que, diferentemente das exportações, o quadro por intensidade tecnológica praticamente não muda entre 2008 e 2018. Há uma pequena evolução ao longo do tempo da participação dos produtos de alta intensidade tecnológica e uma pequena redução daqueles de média-alta e de média-baixa tecnologia. Entre os produtos de alta tecnologia, os destaques são medicamentos e vacinas, isto é, compras do governo federal. Como exercício é bom observar que, enquanto o DF exporta produtos primários ou de baixa tecnologia, nas importações a característica predominante é de produtos de alta tecnologia, sendo uma das razões para o saldo negativo da balança comercial do Distrito Federal.

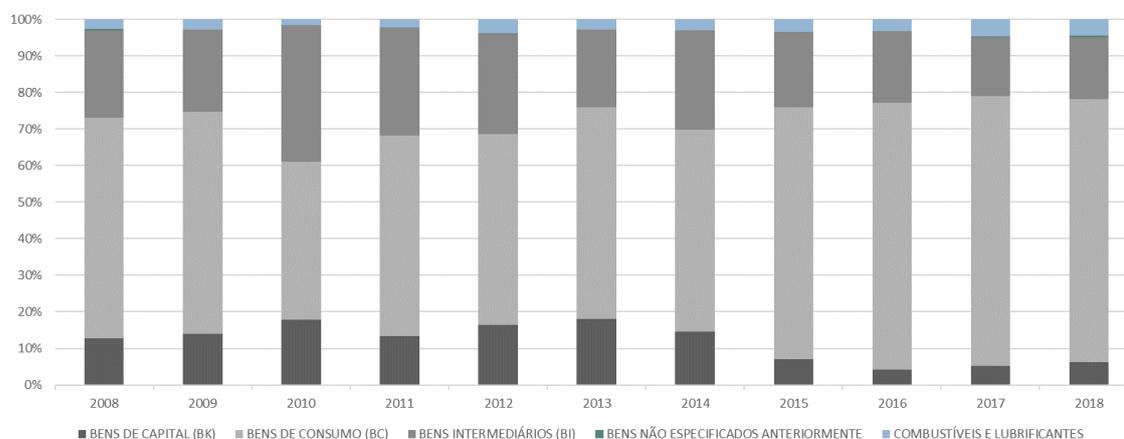
**Gráfico 18** - Participação (%) das importações (Valor FOB US\$) por intensidade tecnológica - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Já a decomposição nas cinco grandes categorias econômicas<sup>22</sup> associadas à produção da mercadoria é apresentada no Gráfico 19. A maior parte das importações diz respeito a bens de consumo que, inclusive, aumentam sua participação ao longo do tempo, saindo de 60,4% e atingindo 71,4% em 2018, sendo 68,7% bens de consumo não duráveis. Já os bens intermediários e os de capital registraram diminuição no mesmo período, sendo que em 2008, eles participavam com 23,8% e 12,8%, e, em 2018, participaram com 16,8% e 6,3%, respectivamente. Nota-se que essa classificação diz respeito ao uso dos bens após a transação comercial, de maneira que o aumento da participação de bens de consumo, em especial os não duráveis, e da redução de bens intermediários e de capital significa que as importações realizadas pelo DF, em sua grande parte tem sido direcionada para fins não produtivos, isto é, sem encadeamento produtivo a jusante.

**Gráfico 19** - Participação (%) das Importações (Valor FOB US\$) por Classificação de Grandes Categorias Econômicas - Distrito Federal - 2008 a 2018

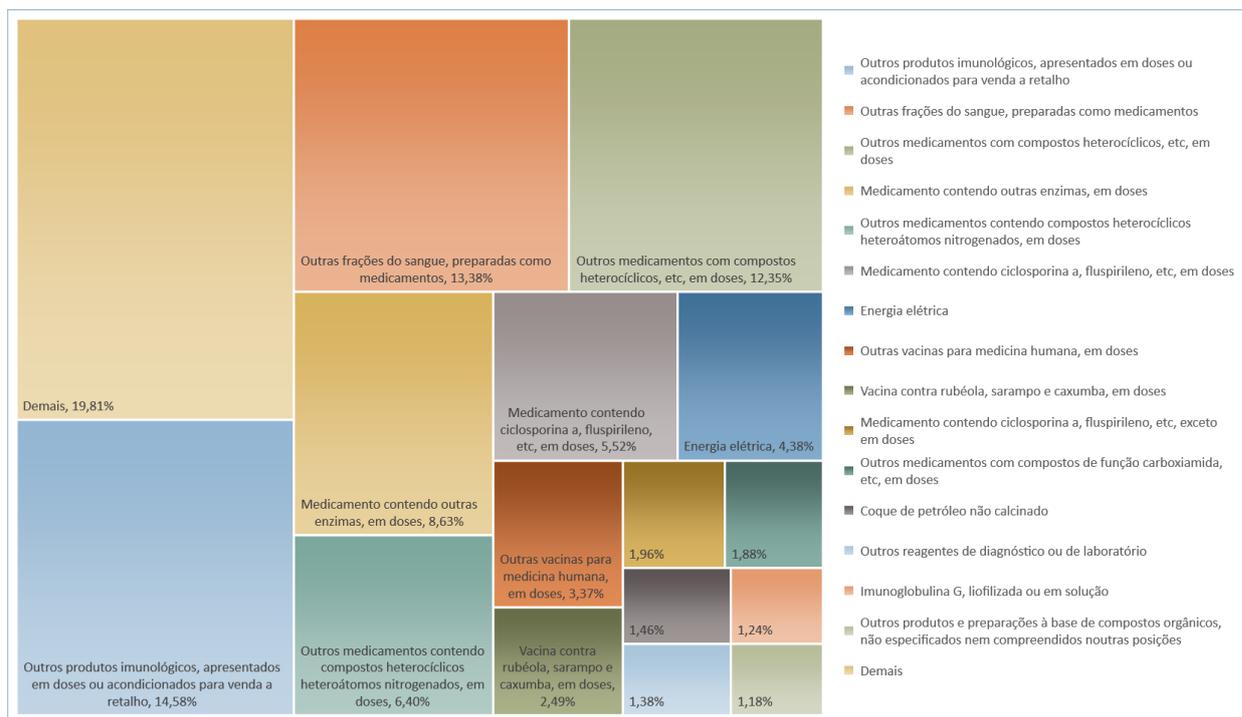


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

<sup>22</sup> São elas: bens de capital, bens intermediários, bens de consumo, bens não classificados, e combustíveis e lubrificantes.

O Gráfico 20 apresenta os 15 bens de maior valor de importação de 2018. A primeira observação é que a predominância é de produtos como medicamentos e vacinas. Em 2008, os produtos farmacêuticos representaram 61,9% das importações do DF e, em 2018, essa participação aumentou para 73,7%. Quando se retira da análise dos dados os produtos farmacêuticos, as principais importações, por capítulos, passam a ser *combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais; instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, de cinematografia, de medida, de controle ou de precisão; e instrumentos e aparelhos médico-cirúrgicos; suas partes e acessórios*, em ambos os anos. Ou seja, parte das importações do DF, mesmo excluindo fármacos, possuem estreita ligação com a área da saúde.

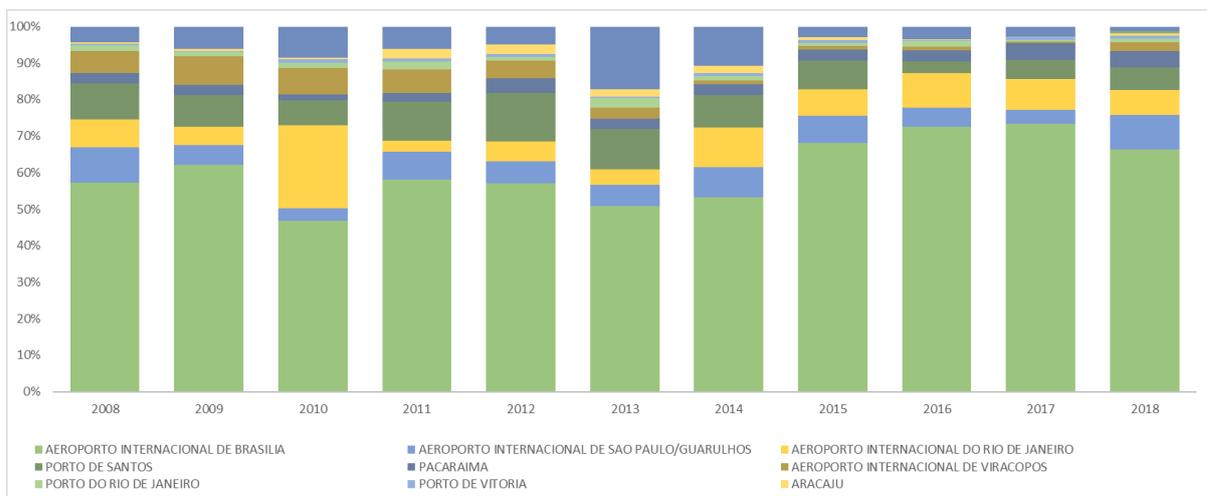
**Gráfico 20** - Participação (%) das Importações (Valor FOB US\$) por Classificação de Produtos por NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul) - Distrito Federal - 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Outra observação que pode ser feita é por onde essa importação entra no país. O Gráfico 20 aponta a participação das importações em valores, mostrando os principais locais por onde os bens importados desembarcam. Nota-se que mais da metade das importações entram pelo aeroporto de Brasília, com um incremento ao longo do tempo, alcançando, em 2018, 66,4% do total importado. E, entre as dez principais alfândegas, 80% das importações do DF são realizadas por quatro aeroportos, justamente por causa do perfil dos produtos importados, de alto valor agregado.

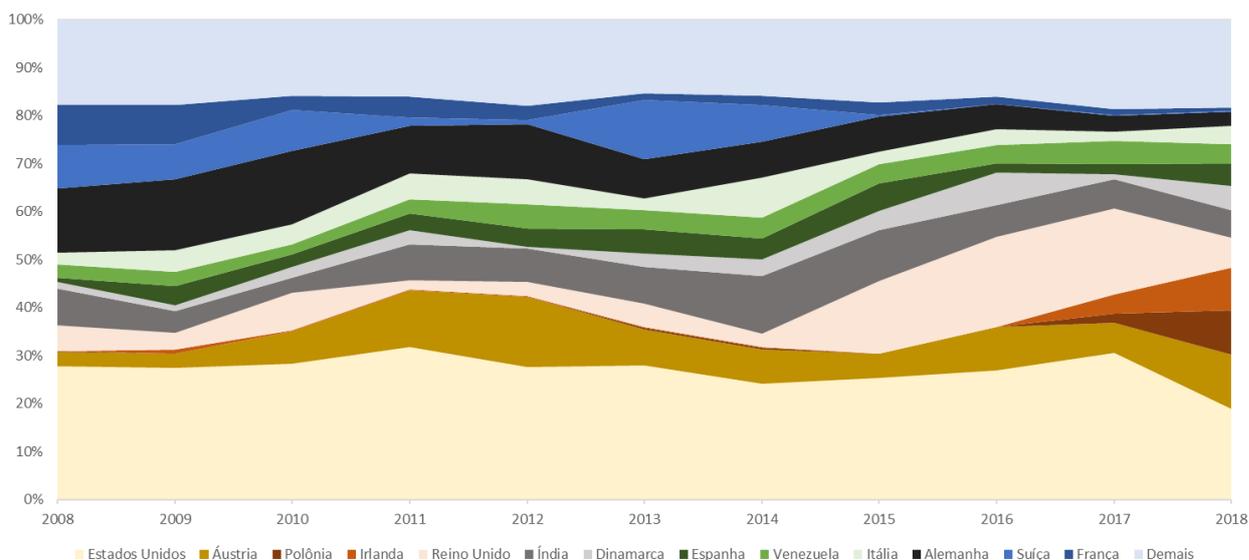
**Gráfico 21** - Participação (%) das Importações (Valor FOB US\$) por ponto alfandegário (URF) – Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Por fim, outra decomposição do total de importações diz respeito a sua origem e é apresentado no Gráfico 22. A principal origem das importações em valor do Distrito Federal são os Estados Unidos, com alta relevância em todos os anos analisados. Em seguida, aparecem Áustria, Polônia, Irlanda e Reino Unido como principais origens em 2018. Em 2008, outros países europeus despontavam como principais fornecedores do DF após os EUA: Alemanha, Suíça e França. Dado o perfil de importações de produtos farmacêuticos, os parceiros mudam de acordo com indústria farmacêutica e com as inovações científicas da área.

**Gráfico 22** - Participação (%) das Importações (Valor FOB US\$) por país de origem - Distrito Federal - 2008 a 2018



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

## 6. COMENTÁRIOS FINAIS

Esta Nota Técnica teve por objetivo traçar o perfil e o comportamento das exportações e importações de mercadorias do Distrito Federal ao longo do tempo e em termos comparativos com as Unidades da Federação (UFs) e com os municípios da RIDE. Como pontos principais que podem ser destacados, o primeiro é a observação de que o grau de abertura comercial do Distrito Federal é bem pequeno, bem abaixo da média brasileira. Esse grau de abertura, apesar de coerente com o tamanho do seu território, quando avaliado em conjunto com a renda per capita, possui margem para incrementos (o que, de acordo com a literatura, pode impactar o desempenho econômico do Distrito Federal).

O segundo ponto é que, assim como o grau de abertura, na comparação com as demais UFs, o DF não possui participação significativa no tocante às exportações nem às importações. Em relação às exportações, apesar de ter expandido suas transações ao longo do tempo, o crescimento não foi suficiente para alcançar lugar de destaque em termos nacionais. Já as importações foram reduzidas no período, piorando sua posição no ranking das Unidades da Federação.

O terceiro é com relação à RIDE, que tem poucos municípios registrando algum tipo de movimentação de comércio internacional. Além de serem poucos municípios, os valores são também pequenos. O DF também, na comparação entre os municípios da RIDE, mostra um grau de abertura muito pequeno diante de seu patamar de PIB per capita. E, de maneira geral, o que se observa para a RIDE é que o DF atua de maneira distinta nas exportações e nas importações.

Especificamente em relação às exportações da RIDE, o Distrito Federal não aparece como o principal exportador entre os municípios, com participação em torno de 10%. Ademais, pode-se citar a elevada concentração não apenas de valores monetários, mas também da pauta de exportações, que possui pouca diversidade de mercadorias, com mais da metade dos valores exportados composta por apenas duas posições. Observa-se, também, mudança do perfil exportador entre 2008 e 2018, com redução da participação relativa da soja entre os municípios, sinalizando algum desenvolvimento econômico na região, também observado pelo aumento da participação de mercadorias com intensidade tecnológica “média-baixa”, em detrimento da participação de mercadorias primárias.

Diferentemente da distribuição das exportações, as importações da RIDE-DF possuem como protagonista o Distrito Federal, participando, em todos os anos analisados, com mais de 90% do total importado pela região. Quando se analisa as importações da RIDE sem o DF, as importações de produtos de média-alta tecnologia, que sobressaem em 2008, diminuem e as importações de produtos não classificados passam a ser preponderantes. Cabe notar ainda o alto grau de concentração da pauta importadora da RIDE, que apesar de mais diversificada que a pauta exportadora, ainda assim abarca por volta de 10% das posições.

As informações sobre o Distrito Federal apontam para uma Balança Comercial deficitária, que advém de uma participação muito pequena das exportações, mesmo que tenha registrado crescimento de 52% entre 2008 e 2018 e as importações uma redução de 9,0%.

As exportações apresentaram redução da participação relativa dos produtos de baixa tecnologia e aumento dos produtos não classificados na indústria de transformação (produção primária) no período. Houve crescimento da exportação de soja, de 2011 em diante, sob a

CNAE produção de sementes certificadas. A atividade abate de suínos, aves e pequenos animais perdeu participação ao longo do tempo, porém ainda se faz relevante na região. Observou-se o surgimento das exportações de ouro em barra, fios etc., que está entre as atividades de metalurgia de metais preciosos (em 2014, esse produto passou a ter destaque entre as exportações do DF e, em 2018, teve quinta maior fatia das exportações em valor da região).

O Porto de Santos (SP), que está a 1.092 quilômetros de Brasília, é o principal porto de escoamento da produção do DF ao longo dos anos, e, dentre os dez principais pontos alfandegários de exportações (URF), três deles são aeroportos, reflexo da característica das mercadorias exportadas. Em 2018, a China foi o destino de 44,1% das exportações do Distrito Federal, sendo a Arábia Saudita, com 15,8% do total exportado em 2018, outro destino de destaque.

Entre as importações, o quadro por intensidade tecnológica praticamente não muda entre 2008 e 2018: a participação predominante é de produtos de alta intensidade tecnológica, entre eles os destaques são medicamentos e vacinas, isto é, compras do governo federal. Como exercício, é bom observar que, enquanto o DF exporta produtos primários ou de baixa tecnologia, nas importações a característica predominante é de produtos de alta tecnologia, sendo uma das razões para o saldo negativo da Balança Comercial do Distrito Federal.

A maior parte das importações diz respeito a bens de consumo, especificamente, não duráveis. Destaca-se que essa classificação diz respeito ao uso dos bens após a transação comercial, de maneira que o aumento da participação de bens de consumo, em especial os não duráveis, e da redução de bens intermediários e de capital significa que as importações realizadas pelo Distrito Federal, em sua grande parte tem sido direcionada para fins não produtivos, isto é, sem encadeamento produtivo a jusante. Em 2018, os produtos farmacêuticos representaram 73,7% das importações do Distrito Federal.

Mais da metade das importações entra pelo aeroporto de Brasília, com um incremento ao longo do tempo, alcançando, em 2018, 66,4% do total importado. E, entre as dez principais alfândegas, 80% das importações do DF são realizadas por quatro aeroportos, justamente por causa do perfil dos produtos importados, de alto valor agregado. A principal origem das importações em valor do Distrito Federal são os Estados Unidos, em seguida, Áustria, Polônia, Irlanda e Reino Unido como principais origens em 2018. Dado o perfil de importações de produtos farmacêuticos, os parceiros mudam de acordo com indústria farmacêutica e com as inovações científicas da área.

Ao se compreender melhor o perfil do comércio exterior do Distrito Federal, pode-se estudar o seu papel entre os municípios da RIDE e nacionalmente. Com isso, aprofundar os conhecimentos desse papel e de influência regional e nacional, colaborando para a construção de políticas públicas e tomada de decisão dos diversos agentes da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernanda M., Sediya, Gislaine A.S., Valadares, Josial L. **A Contribuição do Empreendedorismo para o Crescimento Econômico dos Estados Brasileiros - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 3, p. 466-494, Set/Dez. 2017.

BARBOSA, E. & Alvim, A. M. (2007). **Exportações estaduais e crescimento econômico no Brasil - 1996 a 2005**. (Dissertação de Mestrado em Economia do Desenvolvimento). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

CARMO, Alex Sander Souza do; RAIHER, Augusta Pelinski; STEGE, Alysson Luiz. **O efeito das exportações no crescimento econômico das microrregiões brasileiras: uma análise espacial com dados em painel**. *Estud. Econ.*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 153-183, Mar. 2017.

KOSHIYAMA, D. B. (2008). **Crescimento econômico e comércio externo: Teorias e evidências empíricas para o Brasil**. Master's thesis, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PPGE/PUCRS.

## APÊNDICE

Conforme mencionado, para analisar as exportações e importações, foram utilizadas informações retiradas do banco de dados Comex Stat.<sup>23</sup> Os dados classificam as transações de duas formas: “UF do produto” e “município de exportação/importação”. A primeira categoria, “UF do produto”, considera para registro das exportações/importações a Unidade Federativa produtora da mercadoria, e não a sede da empresa exportadora/importadora. A segunda, “município da exportação/importação”, considera o domicílio fiscal (a sede) da empresa exportadora/importadora.

Apesar de o Distrito Federal ser considerado, ao mesmo tempo, Unidade Federativa e Município, as informações das duas categorias não são equivalentes. A diferença nas categorias pode ser observada no Gráfico 1. As exportações “UF do produto” totalizam um valor maior do que as exportações registradas no “município de exportação”. Isso implica que o DF produz mais bens que são direcionados a exportações do que o que é exportado pelas empresas com domicílio fiscal em seu território.

**Gráfico 1** - Exportações por UF do produto e por município da exportação - Valor FOB (US\$ Milhões) - anual - Distrito Federal - 1997 a 2018

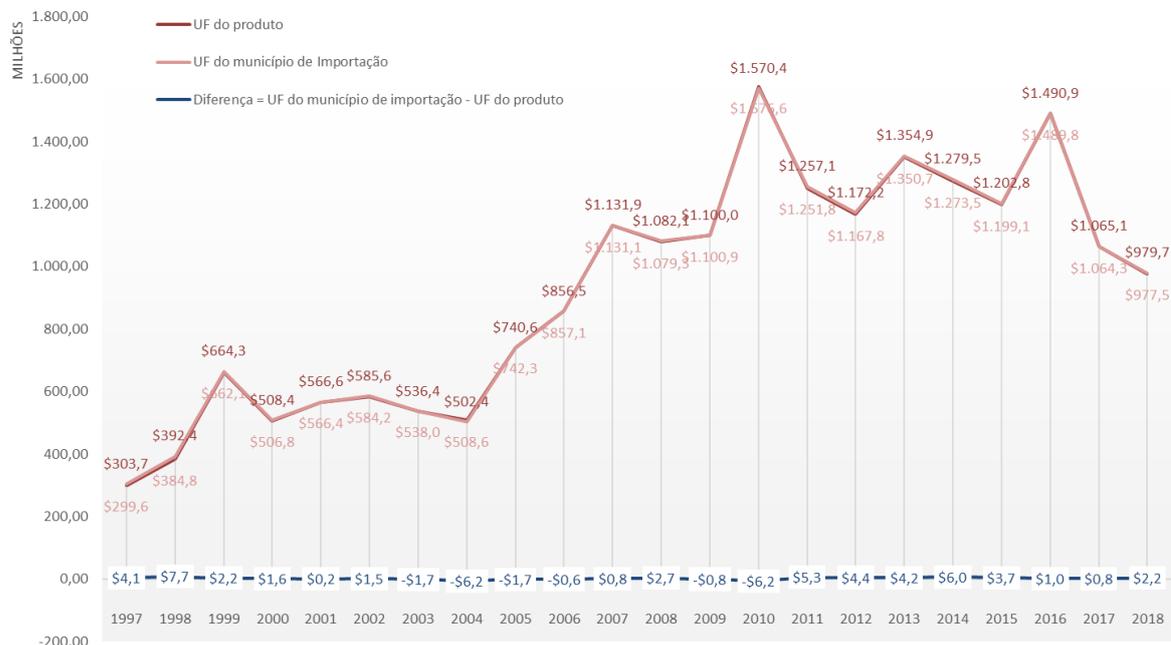


Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Para importações, a diferença nas categorias de registro pode ser observada no Gráfico 2. As importações “UF do produto” totalizam um valor um pouco maior do que as importações registradas no “município de importação”. Diferentemente do registro de exportações, em que a diferença entre as categorias chega a atingir mais de US\$ 100 milhões somente em 2018, no caso das importações a diferença não chega a ser de US\$ 10 milhões, fato que se repete ao longo do tempo.

<sup>23</sup> Fonte: Comex Stat: <http://comexstat.mdic.gov.br>

**Gráfico 2 - Importações por UF do produto e por município da importação e diferencial entre os dois - Valor FOB (US\$ Milhões) - anual - Distrito Federal - 1997 a 2018**



Fonte: Comex Stat  
Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

**Companhia de Planejamento  
do Distrito Federal - Codeplan**

Setor de Administração Municipal  
SAM, Bloco H, Setores Complementares  
Ed. Sede Codeplan  
CEP: 70620-080 - Brasília-DF  
Fone: (0xx61) 3342-2222  
[www.codeplan.df.gov.br](http://www.codeplan.df.gov.br)  
[codeplan@codeplan.df.gov.br](mailto:codeplan@codeplan.df.gov.br)